

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

CRISTIANE VELOSO DE ARAUJO PESTANA

A MULHER NEGRA NOS POEMAS DE CRISTIANE SOBRAL – LUTA,
VALORIZAÇÃO E EMPODERAMENTO.

Juiz de Fora – MG

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

CRISTIANE VELOSO DE ARAUJO PESTANA

A MULHER NEGRA NOS POEMAS DE CRISTIANE SOBRAL – LUTA,
VALORIZAÇÃO E EMPODERAMENTO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Literatura, Identidade e Outras Manifestações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Bárbara Inês Ribeiro Simões Daibert

Juiz de Fora – MG

2017

CRISTIANE VELOSO DE ARAUJO PESTANA

A MULHER NEGRA NOS POEMAS DE CRISTIANE SOBRAL – LUTA,
VALORIZAÇÃO E EMPODERAMENTO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Literatura, Identidade e Outras Manifestações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

À minha mãe Joana, guerreira responsável por tudo que sou e que fomentou minha autoestima e o meu empoderamento desde criança. Ao meu esposo Daniel, fonte de amor e alegria.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é admitir que um dia se precisou de alguém. É reconhecer que sem apoio, incentivo e orientação ninguém caminha ou sai do lugar.

Agradeço primeiramente a Deus por me dado força e saúde para enfrentar essa jornada, à minha família por acreditar sempre em mim, me incentivando e me aplaudindo em cada pequena vitória. A todos os meus amigos, que sempre me deram palavras de apoio e estímulo, que me ofereceram suas casas, seus livros, computadores, ensinamentos, mas além de tudo, me ofertaram suas vidas e seus corações. Não saberia viver sem vocês.

Meu carinho e admiração a todos os professores do curso de especialização em Literatura e Cultura afro-brasileira do NEAB/UFJF que me motivaram com suas palavras e exemplo, e me fizeram acreditar que o sonho do mestrado seria possível. Posteriormente, e não menos importante, a todos os mestres que, direta ou indiretamente, me orientaram nesta pesquisa.

Agradeço aos amigos que fiz nessa caminhada e que levarei para sempre em minha vida e meu coração, especialmente Karla e Vanessa.

À minha orientadora Bárbara, pela acolhida, pelo carinho e pela paciência de sempre. À professora Ana Beatriz pelas dicas e inspiração. E à professora Fernanda Felisberto, que gentilmente aceitou participar da minha banca, me trazendo palavras de tranquilidade, de amizade e incentivo. A vocês, um muito obrigada seria pouco.

Agradeço também às escritoras que me inspiraram nessa caminhada, especialmente Miriam Alves e Conceição Evaristo que extrapolaram as letras no papel.

E um agradecimento especial à minha musa Cristiane Sobral, fonte de toda minha admiração e inspiração, que com muita humildade, generosidade e carinho, me acolheu em seu coração e dividiu comigo um pouco da sua história. Meu olhar sobre a vida nunca mais foi o mesmo depois que a conheci.

Obrigada a todos! A conquista é nossa!

RESUMO

A presente dissertação é o resultado de uma leitura crítica da obra poética de Cristiane Sobral. O objetivo central deste estudo é observar como os poemas da autora rompem com os estereótipos associados à figura das mulheres negras e, na mesma intensidade, promovem autoestima, reconhecimento e empoderamento dessas mulheres. Muitos desses estereótipos foram reforçados por décadas pela Literatura brasileira, por isso é importante que a própria Literatura seja capaz de contribuir para a desconstrução de visões estereotipadas, racistas e preconceituosas da mulher negra. Para embasar nossa pesquisa, utilizaremos no primeiro capítulo, algumas teorias sobre a Identidade na diáspora advindas dos estudos de autores como Stuart Hall, Edouard Glissant, Paul Gilroy e outros. Foi necessário também, percorrer os caminhos do feminismo negro, seguindo as direções sugeridas por bell hooks, Angela Davis, Sueli Carneiro e Miriam Alves, para conduzir o segundo capítulo. O referido capítulo relaciona o tema do feminismo negro e da condição da mulher escritora com o primeiro livro de poemas da autora, intitulado *Não vou mais lavar os pratos*. Já o terceiro capítulo, se norteia pela análise do livro *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*, fazendo um levantamento da questão identitária a partir do cabelo da mulher negra com base nas pesquisas de Nilma Lino Gomes. A intenção é mostrar a relevância dos escritos de Cristiane Sobral para a construção de uma nova mulher negra, valorizada, empoderada e feliz.

Palavras-chave: Mulher negra. Identidade. Autoestima. Valorização. Empoderamento.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a critical reading of Cristiane Sobral's poetic work. The main objective of this study is to observe how the author's poems break with the stereotypes associated with the figure of black women and, at the same intensity, promote self-esteem, recognition and empowerment of these women. Brazilian Literature has reinforced many of these stereotypes for decades; therefore, it is important that Literature itself is able to contribute to the deconstruction of stereotyped, racist and prejudiced views of black women. To support our research, we will use in the first chapter some theories on identity in the diaspora from the studies of authors such as Stuart Hall, Edouard Glissant, Paul Gilroy and others. It was also necessary to walk the paths of black feminism, following the directions suggested by bell hooks, Angela Davis, Sueli Carneiro and Miriam Alves, to conduct the second chapter. This chapter relates the theme of black feminism and the condition of the female writer with the author's first book of poems entitled, "*Não vou mais lavar os pratos*". The third chapter is based on the analysis of the book "*Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*", making a survey of the identity issue from the hair of the black woman based on the research of Nilma Lino Gomes. The intention is to show the relevance of Cristiane Sobral's writings to the construction of a new, valued, empowered and happy black woman.

Keywords: Black woman. Identity. Self esteem. Appreciation. Empowerment.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E CRISTIANE SOBRAL	
2.1 A literatura afro-brasileira – a criação de uma estética negra	15
2.2 A literatura afro-feminina – a mulher construindo seu espaço	23
2.3 Formulações identitárias	29
2.3.1 A concepção de uma identidade relação	29
2.3.2 O refúgio numa identidade única	31
2.3.3 A noção de identidade segundo Kabengele Munanga	37
2.3.4 Buscando o equilíbrio entre as teorias	39
3 “NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS” – CRISTIANE SOBRAL DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS NA PERSPECTIVA DO FEMINISMO NEGRO	
3.1 O reflexo do machismo e do preconceito na Literatura	42
3.2 Cristiane Sobral – escritora, atriz, mãe, mulher e feminista	51
4 “SÓ POR HOJE VOU DEIXAR MEU CABELO EM PAZ” – O EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA NA POÉTICA DE CRISTIANE SOBRAL	
4.1 Afirmção identitária através do cabelo negro – os estudos de Nilma Lino Gomes	66
4.2 O mercado consumidor do cabelo Afro	75
4.3 O cabelo nos poemas de Cristiane Sobral – identidade e empoderamento	84
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94

1 INTRODUÇÃO

“A poesia tem um grande futuro, porque é na poesia, quando é digna de seu elevado destino, que nossa raça, à medida que passa o tempo, vai encontrar um apoio cada vez mais firme.”

Maria Elisa Cevalco

Desde a infância, desejava trabalhar na área de educação, por influência de minha mãe, que trabalhava como faxineira em uma escola. Depois da aula, tinha o hábito de ficar com ela enquanto terminava o seu serviço. Por isso, em 1992, conclui o curso de Magistério e, em 2004, graduei-me em Letras. Em 2006, fiz uma especialização em Psicologia Aplicada à Educação na Faculdade Estácio de Sá. Prestei concurso público para professora no ano de 2003 e trabalhei quatro anos sob o regime de contrato temporário, tendo sido nomeada somente em 2007. Atualmente, possuo dois cargos efetivos como professora do ensino fundamental na Rede Municipal de Juiz de Fora. Realizei vários cursos de aperfeiçoamento profissional e participei de algumas formações no campo da alfabetização, como o Pró-Letramento e o Pacto Nacional para a Alfabetização na Idade Certa. Em 2014, conclui mais uma especialização, em Literatura e Cultura Afro-brasileira, oferecida pelo Neab da Universidade Federal de Juiz de Fora, e foi a partir deste curso que surgiu a vontade de investigar mais de perto a literatura afro-brasileira, mais precisamente, as escritoras negras.

Este curso de especialização abordou a história do povo negro escravizado em território brasileiro, traçando uma rota de crueldades, perdas e desvalorização. Além disso, apresentou-nos teorias sobre a diáspora africana, os Estudos Culturais e sobre a literatura afro-brasileira. Conhecemos autores afrodescendentes, homens e mulheres, e a relevância de suas obras num contexto de revalorização cultural e combate ao racismo.

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar parte da obra poética da escritora e atriz afro-brasileira Cristiane Sobral sob algumas perspectivas teóricas da diáspora e seus desdobramentos sociais. Além disso, investiga a relação

de sua obra com o feminismo negro, seu engajamento político e seu discurso afirmativo, de estímulo e de esperança.

O interesse pela referida autora surgiu em um curso chamado Literatura de Afrodescendentes, ministrado pela professora Cecy Barbosa Campos, em 2013. O curso teve como objetivo apresentar alguns autores afrodescendentes importantes no cenário literário e compreender o cunho político e ideológico de seus textos. Cristiane Sobral foi a última autora a ser estudada no curso, neste momento ainda uma anônima para muitos de nós. Naquela oportunidade, ao me deparar com o conto PIXAIM, foi como se algo tivesse mudado meu olhar sobre a vida e o cotidiano. A história narrada pela personagem era a minha história. E eu nunca tinha visto a minha história ser contada por ninguém. O conto narra a história de uma menina que sofre com o alisamento de seu cabelo, feito de forma muito violenta por sua mãe. É nítido o sofrimento desta menina que não se vê parte da sociedade. Porém, ao se tornar adulta, ela se aceita, se reconhece e, sobretudo, se constitui a partir de seus traços culturais, mais especificamente, a partir de seu cabelo crespo, natural, não mais interferido e muito menos violentado.

Daí a importância da representatividade, de negros e negras reconhecerem sua imagem retratada na arte, na literatura, na mídia e em todos os lugares da sociedade. Porém, há a necessidade de que seja uma imagem livre de estereótipos racistas ou referências pejorativas.

A relevância do estudo da obra de Cristiane Sobral está pautada em seu engajamento político e social, em seus textos que mesclam crítica e suavidade e ainda possuem uma linguagem atual, fácil e motivadora. Os textos de Sobral transgridem as representações estereotipadas, privilegiando a beleza, a cultura e a intelectualidade das mulheres afrodescendentes.

A visão de uma mulher negra, sem estereótipos racistas, vem tentando conquistar seu espaço na Literatura através de escritoras como Cristiane Sobral, que tenta retratar a mulher negra num papel de luta e resistência. Tal novo paradigma de mulher negra seria um indivíduo dotado de desejos, sentimentos, capaz de intervir positivamente na sociedade, construir uma família, uma carreira, enfim, ser o que ela quiser ser. A construção dessa nova visão da mulher negra é urgente e a poesia é um campo fértil para tal. Para a professora e pesquisadora sobre Literatura afro-brasileira Zilá Bernd “a proposta do *eu lírico* não se limita à reivindicação de um mero reconhecimento, mas amplifica-se, correspondendo a um

ato de reapropriação de um espaço existencial que lhe seja próprio” (1988, pg. 77). Através dos textos em que a mulher negra assume seu lugar de fala e de pertencimento, ela recupera sua história e sua imagem.

É muito importante que a mulher negra seja retratada, na literatura contemporânea, de outras formas, e que fuja dos paradigmas que dominaram os escritos do século XIX e do início do século XX.

Como aponta Cristiane Sobral, “Ao escrever procuro palavras como quem monta um quebra-cabeça, num exercício de imaginação e sensibilidade. Escrever é o meu grito de liberdade”. (SOBRAL, 2011, p.123)

Paralelamente, para a escritora, professora e militante bell hooks (1995, p. 466), “o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas, que passariam de objeto a sujeito”. Para a autora, a reflexão e o posicionamento intelectual de mulheres negras, inspiram outras mulheres negras, e este fato, tira essa mulher de uma posição de inferioridade, obscuridade e abnegação, na qual ela foi colocada pela sociedade racista e machista.

Compartilhando da mesma ideia sobre a relevância da intelectualidade na luta contra o racismo e a opressão impostos por um determinado segmento da sociedade, seja na literatura ou fora dela, Gayatri Chakravorty Spivak, crítica que ficou conhecida por seu livro *Pode o subalterno falar?*, afirma que a mulher negra intelectual tem uma missão muito importante, que é a de assumir a palavra sobre si mesma, não permitindo mais que a mulher seja “silenciada” (no sentido de ser falada pelo outro).

Para a escritora Miriam Alves, o trabalho intelectual das mulheres negras deve ser reconhecido como uma forma de ativismo, com o objetivo de posicionar-se politicamente frente ao processo de discriminação e exclusão dos afrodescendentes.

Ao pensar a participação das mulheres negras na literatura afro-brasileira, é necessário refletir sobre o passado colonial, as condições de superexploração e a violência vivenciada por mais de três séculos e que perduram na contemporaneidade através da desigualdade de oportunidades e a discriminação racial velada ou ostensiva, revelando a forte dimensão racial que permeia a sociedade brasileira em todos os níveis. Essa sociedade acabou construindo categorias sociais ao longo do tempo, com base em diferenças físicas, ascendência genealógica, sexo (enquanto gênero) e cor da pele, fatores usados para predeterminar, ou seja, excluir ou incluir, pessoas na estrutura social, gerando esquemas de valoração que acabam influenciando no pensamento

cotidiano, na postura intelectual na representatividade do imaginário nas artes, em geral, e na literatura, em particular. (ALVES, 2010, p.60)

É, portanto, a partir de uma escrita comprometida com a causa afrodescendente, lutando e defendendo uma identidade particular, que Cristiane Sobral procura derrubar os estigmas e preconceitos presentes em nossa sociedade, particularmente no tocante ao imaginário da mulher negra brasileira. Seus poemas abordam questões peculiares do feminino negro, que vão desde a aceitação do cabelo até o livre uso de seu corpo e o seu papel social.

A luta contra o racismo e o preconceito é um tema recorrente na literatura brasileira contemporânea, abrindo espaço para que escritores e pesquisadores busquem alternativas para reparar os danos causados pela escravidão e, concomitantemente, possam elevar a condição do negro afrodescendente e discutir sua identidade. A Literatura é um campo fértil para abordar tais questões, devendo portando ser provida de liberdade de expressão e criação, tratando de assuntos relevantes de forma séria e estética, despertando no leitor conhecimento e sensibilidade sobre os temas e também, promovendo prazer com a leitura.

Se a literatura é um instrumento privilegiado para atingirmos a melhor compreensão de nós mesmos e dos outros, ela só realizará esta sua destinação se usar como matéria-prima a vivência fundamental de cada um que, no caso do negro, se traduz pela experiência essencial de ser negro em um mundo de brancos. BERND (1988, p.87)

Sendo assim, a partir dessa concepção de literatura como instrumento privilegiado para uma melhor compreensão de nós mesmos, é que estudaremos a obra poética de Cristiane Sobral, que busca nitidamente inspirar as mulheres leitoras a se conhecerem (ou se reconhecerem), aceitarem-se e se posicionarem diante desse mundo de preconceitos e racismo.

Neste estudo iremos citar algumas obras que reforçaram a manutenção de uma imagem estereotipada da mulher negra e, paralelamente, elencar alguns poemas da autora Cristiane Sobral, que descontroem essas imagens e retratam essa mulher com mais dignidade, respeitando seus valores, sua identidade e sua importância na construção da sociedade. Também será feito um levantamento sobre as teorias que permeiam a obra de Sobral.

O presente trabalho será composto de três capítulos, a saber: Primeiro

Capítulo: Literatura Afro-brasileira e Cristiane Sobral; Segundo Capítulo: “Não vou mais lavar os pratos” – Cristiane Sobral desconstruindo estereótipos na perspectiva do feminismo negro, e por fim, Terceiro Capítulo: “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz” – O empoderamento da mulher negra na poética de Cristiane Sobral.

No primeiro capítulo, procuraremos discutir as formulações teóricas sobre a literatura afrodescendente no Brasil, especificamente voltadas à necessidade de uma particularização desta literatura. Aqui, trataremos também das nomenclaturas envolvidas neste processo, *literatura negra*, *literatura afro-brasileira* ou apenas *literatura brasileira* sob a contribuição de Eduardo Assis Duarte, Domício Proença Filho, Maria Nazareth Fonseca e Zilá Bernd. Abordaremos a relevância do movimento de *Négritude* na perspectiva de Franz Fanon, para a Literatura afro-brasileira, especialmente na obra de Cristiane Sobral. Também juntaremos a essas reflexões, os posicionamentos teóricos dos escritores Stuart Hall, Edouard Glissant, Paul Gilroy e Sérgio Costa.

No segundo capítulo, buscaremos relacionar a poesia de Cristiane Sobral às questões de gênero e identidade na perspectiva de constituição de uma particularidade feminina negra, englobando alguns aspectos do feminismo negro, através dos posicionamentos teóricos de Nelly Richards, Miriam Alves, bell Hooks, Angela Davis, Sueli Carneiro e Lélia Gonzales. Para as autoras, o feminismo, tal como movimento político e ideológico surgido entre as décadas de 60 e 70 e liderado, predominantemente, por mulheres brancas de classe média, não contempla todas as demandas das mulheres negras. A mulher negra possui questões específicas que perpassam sua etnia, sua história e sua cultura. Neste contexto, além de lutarem para derrubar as barreiras de gênero, elas precisam também superar os limites da racialização, como aponta Miriam Alves.

No terceiro capítulo, que também utilizará a análise de alguns poemas de Sobral, faremos uma reflexão sobre a estética da mulher negra e a reconstrução de sua autoestima, através da literatura, com base na quebra dos padrões de beleza estabelecidos pela sociedade branca dominante. Tais fatores se dão, sobretudo, pela aceitação do cabelo crespo como belo e símbolo identitário. Faremos neste capítulo uma reflexão sobre as consequências e os desdobramentos desta valorização e aceitação na literatura e de que forma esses desdobramentos releem o cânone. Para dar suporte a tal perspectiva, utilizaremos também os estudos e as

pesquisas de Nilma Lino Gomes. A autora possui uma interessante pesquisa em salões de beleza étnicos, em que observações e depoimentos mostram a relação de negros e negras com seus corpos, sobretudo com seus cabelos. A forma como se apresentam para a sociedade sugere um comportamento, um pensamento e um sentimento de aceitação e pertencimento a uma cultura ancestral, carregada de marcas e ressentimento, mas também repleta de beleza, sabedoria e força.

2 A Literatura Afro-brasileira e Cristiane Sobral

*“...Ocupar páginas em branco
Com palavras negras
Para refletir a nossa luz”*

Cristiane Sobral

2.1 A Literatura Afro-brasileira – a criação de uma estética negra

Nos Estados Unidos, dentro vários movimentos, destaca-se o movimento em prol dos direitos civis ocorrido na década de 60, mais especificamente movido pelo ramo artístico denominado *Black Arts Movement – BAM*, que se iniciou no Harlem, foi difundida a participação de negros em publicações literárias, em jornais e revistas. Numa perspectiva de autossuficiência negra, foram criadas editoras e instituições de arte além da criação de departamentos de estudos da África nas universidades. O BAM envolveu um considerável número de escritores negros e os inspirou a escrever a partir de suas experiências, o que, de acordo com Miriam Alves, gerou uma estética a partir da forma distinta de olhar o mundo e criar a partir da vida e cultura negras. O movimento não aceitava o cânone literário americano por considerar que sua visão não contemplava as minorias raciais. Neste contexto, escritoras negras surgiram, estreitando a articulação entre sua militância política e sua atuação acadêmica. Nomes como Maya Angelou, Alice Walker e Toni Morrison se destacaram por denunciar o racismo e abordar as questões étnicas em suas obras. Numa perspectiva ousada e corajosa, defenderam a condição da mulher negra e denunciaram a violência que sofriam dos próprios homens negros. Tais articulações promoveram significativas mudanças na literatura, inspirando não só artistas e escritores afro-americanos, como também aqueles nascidos na diáspora negra e que viviam situações semelhantes de discriminação racial, assim como o Brasil.

No Brasil, de forma muito tardia, podemos perceber as consequências dos movimentos ocorridos nos Estados Unidos. Porém, a luta das feministas

brasileiras foi muito além das questões relativas à igualdade de direitos, elas lutaram por melhores condições de vida, pela redemocratização do país e, ao lado dessas demandas, o tema da sexualidade, do aborto e do direito ao prazer também surgiram fortemente na pauta.

Foi mais precisamente em 1978, com a criação do *MNU* (Movimento Negro Unificado), que os movimentos sociais, como o dos negros, dos trabalhadores e o feminista ganharam força, influenciando nossa sociedade e conseqüentemente nossa literatura.

Numa perspectiva de colocar o negro numa posição mais favorável do que a imposta pelo governo truculento da época, surgiram movimentos como a *Frente Negra Brasileira*, fundada na década de 30 em São Paulo, que entre outras coisas, buscava uma educação de qualidade e melhores condições de vida para a população negra, que, por acúmulo de fatores históricos, econômicos e discriminatórios, sempre ocupou os setores da sociedade em que a miséria, o analfabetismo e a falta de estrutura pública de atendimento a esta população eram evidentes. A Frente Negra Brasileira acabou virando um partido de político, considerada a mais importante entidade de afrodescendentes da primeira metade do século.

Com a efervescência dos movimentos sociais, a produção literária dos afrodescendentes ganhava espaço graças a coletivos organizados na Bahia, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. Em São Paulo, surge um movimento chamado de *Quilombhoje*, que, até hoje é um campo fértil para a criação e divulgação da literatura afro-brasileira. Em junho de 1978, surgiu a série literária *Cadernos Negros*, que possibilitou maior espaço para escritores e escritoras negras e colaborou para a divulgação de prosas e poesias de diversas autoras afro-brasileiras, como Geni Guimarães, Miriam Alves, Conceição Evaristo, Alzira Rufino, Cristiane Sobral e muitas outras.

Miriam Alves (2010) atenta para um fato que possibilitou essa profusão de escritores negros: o surgimento da primeira geração de negros universitários. A população negra, organizada e consciente de seus direitos, lutava, neste contexto histórico, por melhores condições de vida, cidadania e escolarização. Numa política governamental de habitação que empurrava os negros e pobres para as periferias, os negros precisaram de organização e superação para se inserirem na sociedade, exigindo condições de alfabetização e escolarização básica. Além disso, com a

mudança do sistema educacional de ensino promovida pelo Regime Militar no período de 1964, houve um aumento do número de universitários negros. Tal fato fomentou o surgimento de várias instituições particulares de ensino e, segundo Alves (2010), causou uma “contradição” na estrutura social, ou seja, a população historicamente desprovida de poder aquisitivo priorizou a obtenção da educação.

A partir da criação dos *Cadernos Negros*, os textos literários de autoria negra passam a assumir um caráter coletivo. Para Miriam Alves, os escritores que publicavam ou não nos *Cadernos Negros* deixaram de estar isolados no panorama literário nacional.

Aos poucos, a literatura nacional se vê obrigada a abrir um espaço de inserção e de discussão do produto desta manifestação literária, fruto de anos de persistência, lutando entre a invisibilidade e o menosprezo dos cânones da literatura. (ALVES, 2010, p.56)

Ainda hoje, os *Cadernos negros*, que resistiram bravamente durante décadas, são de extrema importância para a Literatura afro-brasileira. De acordo com FIGUEIREDO, (2009 p.11) “*Cadernos Negros* realiza a mudança da Literatura, uma vez que cumpre o papel de divulgar as vozes silenciadas pelo cânone”. Numa perspectiva de tornar o negro dono da palavra, agente construtor do texto literário e não somente figurar como tema de outros textos, suas publicações abrangem o corpus da literatura brasileira e coloca a população negra no lugar de enunciação.

Os reflexos de toda essa luta irão aparecer na literatura brasileira, propondo uma literatura diferenciada, particularizada, cujo ponto de vista é negro, em que este assume a fala de si mesmo, estabelecendo uma autorrepresentação mais honesta do que a anterior, a qual propunha uma visão do negro como objeto, animalizada e desprovida de valor, principalmente para as mulheres negras.

A instituição da escravidão construiu, para os negros, a representação segundo a qual eram seres que, pela sua “carência de humanização” (porque portadores de um corpo negro expressavam uma “diferença biológica”), inscreviam-se na escala dos animais e coisas, seres esses que, legitimamente, constituem objetos de posse dos “indivíduos humanos”. (NOGUEIRA, 1999, p.42)

Sobre como conceituar essa literatura feita por autores negros e abordando questões específicas dessa população, há ainda muitas controvérsias

sobre o melhor termo a ser utilizado. Para Eduardo Assis Duarte, professor e pesquisador da Literatura afro-brasileira, trata-se de um conceito em construção. Porém, para além do campo conceitual, é de consenso de todos os envolvidos neste ramo o ponto de vista dessa arte, que é o discurso culturalmente identificado com a afrodescendência e suas especificidades. De acordo com Alves (2010) o objetivo deste discurso, embutido num ramo específico da literatura, é transformar a conotação negativa da palavra “negro” num “autorreconhecimento” da própria identidade e pertencimento étnico-racial.

A denominação *Literatura Negra*, está atrelada à existência de um escritor, que deve obrigatoriamente ser negro e tratar de temas relacionados aos negros. Para termos uma noção de como seria caracterizada tal literatura, vejamos uma fala do intelectual negro Ironides Rodrigues, em depoimento a Luiza Lobo e citada no livro de Eduardo Assis Duarte.

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (Apud Lobo, 2007, p.266 in Duarte, 2014, p.21)

De acordo com Fonseca (2006), a expressão *Literatura Negra* está ligada a discussões que surgiram nos Estados Unidos e no Caribe e que depois se espalharam por outros espaços diaspóricos. A *Literatura Negra* aborda questões identitárias e relativas à cultura africana e afrodescendente, que se misturam à memória e às lembranças de fatos do passado, percorrendo espaços íntimos do autor e transferindo para a escrita seus modos particulares de compreensão do mundo. Ainda de acordo com Fonseca (2006) a chamada *Literatura Negra* possui um papel essencial na reversão de imagens negativas e na formação da identidade de grupos etnicamente excluídos.

Nos Estados Unidos, o chamado *Renascimento Negro norte-americano*, que culminou em várias ramificações, uma delas conhecida como *Second Harlem Renaissance*, promove uma importante reflexão na produção literária da época, pois trabalha com temas relacionados à situação vivida pelo negro na sociedade segregacionista americana, o que acabou por conscientizar os negros de seus direitos como cidadãos. Neste propósito, a *Literatura Negra* assume a missão de

denúncia e seus escritores se consideram porta-vozes dos negros da diáspora. A tendência maior desta produção literária reivindicatória é a celebração de valores e concepções próprias das culturas africanas, marcadas pelos afrodescendentes em sua cultura popular, afirma Fonseca (2006). Tal fato pressupõe uma desconstrução dos modelos literários tradicionais.

Já o pesquisador Eduardo de Assis Duarte propõe a substituição do termo *Literatura Negra* por *Literatura Afro-brasileira*, acreditando que a palavra “negra” enfraquece e limita a eficácia desse conceito. Assim, num contexto teórico e crítico, as palavras negra/negro carregam um peso muito grande, uma carga de inferioridade e negatividade vindas ao longo da história da humanidade. Para Duarte, a decisão do escritor de se proclamar negro/negra e com isso assumir o lado estigmatizado e marginalizado do Brasil traz para si toda a responsabilidade social de transformação de mentalidades e comportamentos.

Para o autor, o termo afro-brasileiro traz a ideia de maioria, em que se encaixam todos os descendentes de família antigas brasileiras, oriundas dos grandes fluxos de imigração e migração ocorridos no território brasileiro.

Já o termo afro-brasileiro, pela própria configuração semântica, remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos. Processo de hibridação étnica e linguística, religiosa e cultural. (DUARTE, 2014, p.25)

Nesse sentido, a Literatura afro-brasileira pode ser vista como expressão de um discurso construído e historicamente percebido pelos afrodescendentes. Tal expressão é uma escrita real de suas experiências, vivências e percepções que buscam confrontar as imagens estereotipadas e preconceituosas criadas na sociedade até os dias atuais. Tal posicionamento é visto como provocador na sociedade, pois no momento em que o autor verbaliza seus sentimentos despertados pela discriminação racial, ele não só acusa e rejeita esse tipo de atitude, como coloca em questão toda essa sociedade.

Já, para Miriam Alves, a necessidade de uma Literatura afro-brasileira vai muito além, ela é a oportunidade de um resgate cultural, de fazer emergir emoções e histórias renegadas pela sociedade construída na diáspora.

A literatura afro-brasileira funciona como um catalisador de histórias as quais transforma em registro ficcional e poético para transmiti-las não só como anais de fatos, mas, sobretudo, com a grafia de emoções perpetuando, no ato da escrita, o resgate do passado, o registro do presente da trajetória de um segmento populacional relegado ao esquecimento ou ao segundo plano da historiografia, inclusive das artes literárias. (ALVES, 2010, p.44)

No texto da estudiosa Maria Nazareth Soares Fonseca, intitulado *O Atlântico negro e a Literatura*, vemos que para muitos teóricos e escritores do Brasil, das Antilhas, do Caribe e dos Estados Unidos, a utilização do termo “afro” não consegue evitar os mesmos problemas do termo “negra” (no caso, literatura negra). Para eles tais termos são utilizados numa particularização literária, que gera exclusão, pois trata de questões que deveriam ser discutidas levando em consideração a cultura do povo e não apenas as especificidades de um grupo. No caso do Brasil, por exemplo, tais teóricos e escritores defendem que a literatura deveria levar em conta a cultura brasileira e não apenas a cultura negra. E, portanto, não deveria haver separação da literatura em nichos específicos. Toda e qualquer tipo de expressão literária deveria ser classificada como Literatura brasileira. Mesmo entre alguns escritores que se assumem como negros, existe uma resistência quanto ao uso de expressões como “escritor negro”, “literatura negra” ou “literatura afro-brasileira”. Para eles, tais expressões particularizadoras “rotulam e aprisionam sua produção literária”, aponta Fonseca.

Porém, na contramão desta ideia, alguns acreditam que “tais expressões trazem sentidos ocultados pela generalização do termo literatura” (FONSECA, 2006, p.13) e que a particularização ainda é necessária, pois a generalização pode minimizar os conflitos. Nesta lógica, Fonseca (2006) nos afirma que o uso da expressão Literatura brasileira para designar todas as formas literárias produzidas no Brasil não conseguiria dar conta de responder várias demandas dos negros, uma delas seria o fato de grande parte dos escritores negros não serem tão conhecidos pelos leitores ou suas obras não serem difundidas pelos meios acadêmicos.

As expressões “literatura negra” e literatura “afro-brasileira” são empregadas para nomear alguns tipos de produções artístico-literárias que podem estar relacionadas tanto com a cor da pele de quem as produz, com a motivação dada por questões específicas de segmentos sociais de predominância negra e ou mestiça, e com o fato de nelas serem trabalhadas, com maior intensidade, questões que dizem respeito à presença de tradições africanas disseminadas na cultura brasileira. A

literatura assume essas tradições como estratégias de reinvenção, como material que fomenta uma produção textual – em gêneros poéticos, narrativos e híbridos. (FONSECA, 2006, p.11)

Numa perspectiva um pouco mais conciliadora, Domício Proença Filho defende que a cor da pele não importa, importa sim a abordagem que se faz do negro, o pertencimento étnico e a coerência com as demandas específicas desse povo. Ele propõe, assim, um equilíbrio entre “literatura do negro” e “literatura sobre o negro”.

À luz dessas observações, será negra, em sentido restrito, uma literatura feita por negros ou descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas, se caracteriza por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularização cultural. (Proença Filho, 1988, p.78 apud Duarte, 2014, p.23)

Compartilhando o posicionamento de Proença Filho, está a estudiosa Zilá Bernd, que ressalta a importância de uma “enunciação do pertencimento” tão mais do que apenas a cor da pele. Para a autora, é papel desta literatura, promover a reversão de valores errôneos atribuídos aos descendentes de africanos, bem como o estabelecimento de uma “nova ordem simbólica oposta aos sentidos hegemônicos”, de uma narrativa heroica do negro e a urgência de um *eu enunciador*, já que, historicamente, dentro da literatura, o negro sempre foi referenciado pelo outro. A autora defende veementemente que os negros devem tomar a palavra e assumir o discurso de si para ocuparem assim seu lugar na sociedade. “A montagem da poesia negra faz-se a partir da (re)conquista da posição de sujeito da enunciação, fato que viabiliza a reescritura da História do ponto de vista do negro.” (BERND 1988, p. 77). Tal fato é ratificado por SOBRAL (2011, p.87) “Nunca mais aceitarei a sua visão deturpada das coisas que fere e mata. Agora serei a protagonista”. Sobre a relevância desse eu-lírico enunciador feminino, Conceição Evaristo considera que:

Retomando a reflexão sobre o fazer literário das mulheres negras, pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga toda as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2012, p.7)

Para Bernd, o importante é o papel que o eu lírico assume nesse contexto, buscando instaurar um novo discurso a partir da busca de uma identidade perdida e ressignificada na diáspora. Ela defende que a literatura se assumia como negra, porém não necessariamente sendo escrita por negros. Basta que o enunciador manifeste uma identidade negra ou afro-brasileira.

Mesmo sem termos um consenso entre os escritores, críticos e pesquisadores da Literatura, a Literatura Negra ou Afro-brasileira (como será nomeada neste estudo) traz consigo um papel importante, que é de deixar falar a população negra, homens e mulheres, para que possam expressar sua visão de mundo, suas emoções, suas vivências, apresentar suas demandas e, com isso, lutar por dignidade e respeito. Para Miriam Alves, reconhecer a existência desses escritos é reconhecer a diversidade sociocultural do país.

A história da literatura afro-brasileira ainda tem muito que ser lida, estudada e analisada [...] Assim, para preencher os espaços em branco do estudo da literatura brasileira, urge considerar a Literatura Negra/Literatura Afro-brasileira dentro de seu contexto de surgimento e existência, revelando as faces de um Brasilafro em versos e em prosa. Continuar afirmando a sua inexistência ou a qualidade inferior dos textos é reafirmar parâmetros que insistem em olhar a sociedade brasileira longe da diversidade sociocultural que a sustém. (ALVES, 2010, p.57)

O escritor Cuti (Luís Silva) propõe uma nova nomenclatura, que abarcaria os dois termos, numa perspectiva de não perder o real sentido dessa escrita particular e de reivindicação. Para ele, o termo Literatura Negro-brasileira seria mais interessante, uma vez que retoma a palavra “*negro*” (como indicativo da parcela da população descendente de africanos de pele escura) e o adjetivo “*brasileira*” (termo que atribui nacionalidade a este segmento da população). Segundo o autor a expressão pretende apontar para as experiências de vida dos negros como fonte de um conjunto de textos literários, dentro do território brasileiro.

Muito além do fato de como se nomear essa Literatura, o aspecto mais relevante é o de que ela visa romper com paradigmas e preconceitos. De acordo com Cristiane Sobral, a *palavra* é poderosa, e através do uso apropriado dessa palavra é possível desconstruir inverdades e estereótipos. “...Na ânsia de construir e desconstruir, surge a palavra [...] O ofício molda a palavra / A palavra certa finalmente consegue a bobagem decepar.” (SOBRAL, 2011, p.58)

2.2 A literatura afro-feminina – a mulher negra construindo seu espaço

*“Tenho uma cicatriz incandescente de dor
Mas é só por dentro
Por fora desenhei uma flor.”*

Cristiane Sobral

Dentro do contexto dessa Literatura afro-brasileira, mais especificamente numa literatura afro-feminina, muitas mulheres afrodescendentes encontraram lugar para se manifestar e se fazer reconhecer, escrevendo sobre sua condição, seu papel na sociedade, seus desejos, suas experiências e suas percepções do universo, numa linguagem que lhes é própria. Da mesma forma, essas escritoras vêm tratando de demandas específicas deste segmento, o que vai ao encontro da afirmação de MOTT (2010, p.254) “a experiência interior de uma mulher negra, por razões sociais, nenhuma mulher branca ou homem, mesmo negro, tem”.

Em um de seus poemas, a autora Cristiane Sobral retrata essa escrita da mulher negra e a distingue das demais.

Poesia preta feminina

Poesia preta feminina
Tem cheiro bom de perfume
Cor de azeviche
Letras de cura

Poesia preta feminina
Preciosa na monotonia da paisagem
Representa nossa diversidade
Entra na roda com muito axé

Poesia preta feminina
Sinuosa desfila no terreiro
Em ritmo de partido alto
Pode surgir elegante, de salto
Contagiar batendo na palmada mão.

Poesia preta feminina
 É jongo, é jogo, é gira
 Pomba trazendo ventos da mudança
 Bate firme e demarca o espaço com esperança
 Tem atitude da nossa gente
 A refazer os passos da diáspora
 Reinventando o compasso da história. (CADERNOS NEGROS, 2014, p.51)

Para a autora, o ato de escrever promove a cura, isso porque, além de um desabafo, o texto se torna uma arma de defesa, um antídoto. Além disso, a escrita da mulher negra é perfumada e preciosa como a pedra de azeviche, carrega sua diferença, sua marca e, em muitas vezes, pode ser comparada a grandes textos clássicos, o que se evidencia pelos termos: “elegante” e “de salto”. Ao afirmar que a escrita “entra na roda com muito axé”, “desfila no terreiro em ritmo de partido alto”, “é jongo, é jogo, é gira”, ela faz uma referência clara a elementos que retomam a cultura africana. A escrita dessa mulher negra, para Cristiane Sobral, é dotada de ancestralidade, de militância e ritmo. O último trecho aqui mencionado, “é jongo, é jogo, é gira” consiste numa aliteração em que as palavras são carregadas de simbologia, o *jongo* é uma dança de origem africana, ainda muito presente em território brasileiro, o *jogo* é uma referência à capoeira, e a *gira* consiste em elementos religiosos do candomblé.

Ainda sobre o ato da escrita, Sobral afirma não ser fácil e nem sempre possível, o texto enfrenta vários obstáculos até chega ao leitor, porém, “é maravilhoso”. Assim, ela escreve o poema *Quebra-cabeça*.

Fazer um poema não é fácil
 Catar palavras ao vento
 Escolher matéria-prima
 Reciclar

Não é fácil fazer um poema
 Conversar com outrem
 Em um pedaço de papel

Fazer um poema nem sempre é possível
 Revirar as emoções
 Olhar pra dentro e pra fora

Não é fácil
 Não é fácil

Ainda não escrevi tudo o que preciso
 Restam páginas de sonho
 Ainda tenho um baú de memórias

Também não é fácil ser poema
 Encontrar um leitor
 Interessado em poesia
 Que compartilhe a dor e as alegrias
 Mas é maravilhoso. (SOBRAL, 2014, p.127)

Pensar a escrita feminina é pensar em todos os aspectos que a motivam e respaldam. Um exemplo é a violência física e simbólica sofrida pelas mulheres negras desde a colonização, isso sem falar nas desigualdades de oportunidades, subscritas nas relações de gênero e na discriminação racial velada e ostensiva. O sexo, na perspectiva do gênero, e a cor da pele são fatores utilizados como forma de exclusão, gerando critérios de superioridade e competência dentro das esferas sociais.

Ainda sobre a particularização e a necessidade de uma escrita feminina, Ana Paula Tavares afirma que é primordial que a mulher ocupe o cenário lírico não apenas como tema, mas como opção estética, como uma “gramática poética”. Para complementar, Nelly Richard (2002, p.137) diz que “Não basta ser mulher (determinante sexual) para que o texto se carregue da potencialidade transgressora das escritas minoritárias”, é preciso além disso, que o trabalho com a língua produza algo que realmente faça diferença e que se torne algo “próprio” do discurso da mulher. Para a autora, seria “como textualizar as marcas do feminino, para que a diferença genérico-sexual se torne ativo princípio de identificação simbólico-cultural” (RICHARD, 2002, p.137)

No poema de Cristiane Sobral, intitulado *Opção*, a autora exalta um novo tipo de mulher, diferente deste padrão que foi criado pela sociedade patriarcal, machista e preconceituosa. Exatamente o que diz Richards sobre uma literatura com temática feminina, assinatura feminina, alma feminina, o poema exalta uma mulher real, corajosa, feminina e, sobretudo, autêntica. Aqui, veremos uma mulher que escreve sobre mulheres e para mulheres.

Creio nas mulheres que desafiam o medo
 Nas garotas decididas, vitoriosas escolhidas a dedo
 Creio no poder indiscutível do leite que escorre das mamas
 Gosto das meninas com laços de fita pelo jardim
 Do jeito especial de algumas moças fazendo pudim
 Gosto de quem é feminina e sabe escolher
 Toda moçoila devia saber fazer brigadeiro
 Garinas precisam relaxar com um gostoso banho de chuveiro
 Uma fêmea sabe que às vezes as coisas ficam difíceis e é preciso chorar
 Espero um dia poder ver:
 Mulheres desfrutando o sábio poder
 Gatas espertas conhecendo um infinito horizonte
 Além do universo das calcinhas
 Creio nas senhoras que conhecem o poder do conhecimento
 Nas raparigas que se recusam a acordar cedo e desfrutam o momento
 Porque há um turbilhão de mistérios a descobrir debaixo dos lençóis
 Gosto das senhoritas com calças curtas e cheiro de jasmim
 Do seu jeito único de sorrir, titubear e finalmente dizer sim
 Ah, gosto dos garfos, das facas, das colheres...
 E, sobretudo de montar uma mesa, com todos os talheres. (SOBRAL, 2011, p.32)

Porém, ainda percebemos muito preconceito com essa escrita feminina. A sociedade patriarcal, dentro e fora do universo afrodescendente, ainda domina com muita força, tentando, de várias formas, coibir o pensamento e as formas de expressão femininas.

Segundo Cristiane Sobral, em entrevista, ainda hoje e mesmo dentro de um segmento de militância, as autoras negras não têm muito espaço, geralmente é a maioria de homens negros a ter o direito de se posicionar frente às demandas sociais e políticas dessa classe. A maioria dos escritores que figuram no cenário literário são homens, e dentro do segmento da literatura afro-brasileira, não é diferente, e as mulheres negras são minoria.

Tal problema persiste, a ausência de protagonismo feminino nos meios acadêmicos e literários é real e precisa ser urgentemente trazida à discussão. De acordo com reportagem da Revista Exame de março de 2014, foram contabilizadas somente seis romancistas negras contemporâneas no Brasil. De acordo com a professora Fernanda Felisberto, sócia da Kitabu - Livraria Negra, do Rio de Janeiro, este número já subiu para oito romancistas em 2017. A reportagem ainda observa

que a presença da mulher negra na literatura, seja como autora ou como personagem, ainda é bem pequena, mostrando uma homogeneidade étnica que não condiz com a realidade brasileira.

A escritora e professora de Teoria da Literatura Livia Natália Santos afirma que “a ausência de mulheres negras no cânone literário brasileiro pode ser justificada mais pelos processos de invisibilização e minoração do valor estético de seus textos que por qualquer questão relativa à sua potência criadora” (SANTOS, 2011, p.113)

Nelly Richard confirma tal situação, para a autora “é evidente como a tradição da literatura e seu cânone tendem a omitir ou marginalizar a produção feminina”. A autora menciona ainda duas situações em que tal postura é mais amenizada: “quando a recuperam sob o subterfúgio paternalista do falso reconhecimento e, também, quando o mercado promove essa literatura como simulacro de uma “diferença” (RICHARD, 2002, p.128)

Ainda segundo Richard, muito além das questões de gênero, a literatura feminina é um discurso textual específico de uma classe, em que a ênfase deve ser voltada ao conteúdo de seus textos e não somente a uma categorização de diferença.

Mais do que uma escrita feminina, conviria, então falar – qualquer que seja o gênero sexual do sujeito biográfico que assina o texto – de uma feminização da escrita: feminização que se produz a cada vez que uma poética, ou uma erótica do signo, extravasa o marco de retenção/conteção da significação masculina com seus excedentes rebeldes (corpo, libido, gozo, heterogeneidade, multiplicidade), para desregular a tese do discurso majoritário. Qualquer literatura que se pratique como dissidência da identidade, a respeito do formato regulamentar da cultura masculinopaternal, [...] levaria o coeficiente minoritário e subversivo (contradominante) do “feminino”. (RICHARD, 2002, p.133)

De acordo com a noção de campo literário da socióloga Andrea Borges Leão, “cada campo inventa uma noção de literatura e de escritor” (LEÃO, 2009, p.306). Tal afirmação dá suporte ao pensamento de Richards, e, também, à argumentação de Duarte na perspectiva de existir uma Literatura destinada especialmente à demanda afrodescendente, a qual se faz necessária para distinguir esta população da forma como vinha sendo feita na Literatura brasileira canônica.

Por outro lado, para COSTA (2006, p.98) “A realidade social é construída na linguagem”, afirmação que se complementa com a fala de Eduardo Assis Duarte.

E a configuração dessa diferença passa pelo trabalho com a linguagem, a fim de subverter imagens e sentidos cristalizados. É uma escrita que, de formas distintas, busca dizer-se negra, até para afirmar o antes negado. E que, também neste aspecto, revela o projeto de ampliação ao público leitor afro-brasileiro. (DUARTE, 2014, p.11)

Sobre essa escrita comprometida em desconstruir paradigmas, de ir muito além do texto escrito e provocar mudanças, Sobral escreve *Sustento*:

Quero uma poesia pão
Muito além da refeição
Como alimento da alma

Quero uma poesia carne
Que fatie problemas no cerne
E cale o grito dos que tem fome. (SOBRAL, 2014, p.129)

A literatura pode ser definida, antes de tudo, como linguagem, construção discursiva marcada pela finalidade estética, afirma Eduardo de Assis Duarte. Porém, existem outras finalidades para além do aspecto estético que traduzem valores culturais, éticos, políticos e ideológicos. Para Duarte (2014), a linguagem é um dos fatores da diferença cultural no texto literário e, sendo assim, é de fundamental importância para ressaltar marcas culturais perdidas, assim como aconteceu com os africanos escravizados que vieram para o Brasil.

A língua de um povo é o reflexo dele mesmo. É através dela que podemos nos expressar e nos posicionar a respeito de nós e de nosso lugar no mundo. A língua é uma expressão cultural, e a forma como a utilizamos pode representar algo muito profundo acerca do modo como nos relacionamos com essa cultura.

2.3 Formulações identitárias

*“Todo dia é dia de todas cores
Cores que se misturam
Quando morrem de amores
Um as pelas outras.”*

Cristiane Sobral

2.3.1 A concepção de uma Identidade relação

Para o teórico martinicano Edouard Glissant, a função dos artistas, escritores e poetas é a de revelar, através da Poética da Relação, o imaginário das humanidades, impedindo, assim, que esta seja conduzida a partir de modelos tidos como universais e válidos para todas as culturas. Desta forma, Glissant sugere que "a questão atual colocada às culturas particulares é a de como renunciar à mentalidade e ao imaginário movidos pela concepção de uma identidade-raiz única, para entrar na identidade-relação" ROCHA (2003, p. 34). Para o autor, a construção da noção de identidade do indivíduo passa pelo encontro e fluência de diferentes culturas, pelo desenraizamento de uma ideia fixa/enraizada de uma identidade única.

A teoria da criouliização proposta por Glissant pressupõe a ideia de que o negro, nascido nas Américas, não é africano nem americano, mas sim um novo indivíduo, híbrido, dotado de particularidades únicas, porém composto, também, por aspectos sócio-culturais comuns à sua cultura de origem. Ao usar o termo criouliização, Edouard Glissant se refere ao fenômeno que estruturou as línguas crioulas, ou seja, na relação entre as línguas e suas culturas. O termo crioulo se refere ao indivíduo mestiço nascido nas Américas bem como ao dialeto falado por essas pessoas.

Édouard Glissant, mentor da *criouliização*, e os teóricos da *crioulidade*, Jean Bernabé, Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant, defendem a tese de que a permanência do processo sustentar-se-ia na vitalização de uma relação dialógica entre os povos, ou seja, de fluxos comunicativos descentralizados, intercâmbios parciais, hibridizações e sincretismos, contra cada tentativa de retorno de paradigmas unificados e monológicos. A crença nesse aparato conceitual é que faz os pesquisadores da *Criouliização* e da *Crioulidade* verem no encontro de povos e culturas a possibilidade de construção de um novo *ethos*, uma nova maneira de ser e estar no mundo. (VIANNA, 2005, p.107)

Isso confirma a visão de que não há uma identidade única, mas sim várias, que se confundem e se complementam, e, o mais importante, que estão sempre em movimento de transformação. Para HALL (2004, p.45) "dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas".

A proposta dos conceitos de *crioulização* e *crioulidade* surge num contexto de uma modernidade em crise, no conflito europeu entre a tolerância multiétnica e a nostalgia nacionalista, em um momento em que as ideologias hegemônicas não conseguem fornecer um modelo para o futuro.

Para Glissant, a crioulização deve se dar num momento em que as construções culturais postas em contato estejam numa equivalência de valor, uma vez que a inferiorização de uma delas descaracteriza o processo. O autor também reforça que crioulização difere de mestiçagem, visto que a mestiçagem se dá no plano biológico ou racial e pressupõe uma marca previsível de resultado, caracterizada por um determinismo. Já a crioulização está no plano da imprevisibilidade e resulta de um processo relacional e movente, que está sempre se constituindo. Ou seja, não é uma construção absoluta e determinada onde o indivíduo está pronto, nela ele nunca se fixa, está sempre num processo cíclico de construção cultural.

Sobre como conceituar essa Cultura a professora e doutora Maria Elisa Cevalasco, especialista em estudos de cultura e sociedade, nos aponta em sua pesquisa que o conceito de cultura aponta para uma direção “onde o foco não é mais a conciliação de todos nem a luta por uma cultura em comum, mas as disputas entre as diferentes identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais” CEVASCO (2003 p.24). Ainda sobre o termo Cultura e o resgate de uma cultura tradicional ou de origem, Glissant afirma que o sujeito está em perpétuo processo, “Ele não é ser, mas sendo” ROCHA (2005, p.33) e Hall também já dizia que a cultura é uma produção, um processo contínuo de transformações, que necessita buscar “matéria-prima” nas tradições dos antepassados para construir o presente e o futuro:

A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma “arqueologia”. A cultura é uma produção. [...] Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir à nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem por nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. [...] Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2003, p.44)

Entretanto, grande parte das escritoras negras brasileiras que figuram no cenário da Literatura afro-brasileira reivindica uma nacionalidade outra, uma

identidade ligada às origens de seus antepassados escravizados. Assim, retomam a África como fonte de inspiração e fortalecimento para a luta contra a desigualdade e o racismo. Essa perspectiva de busca das raízes de origem é, para alguns movimentos negros, necessária para tornar visível o que outrora fora suprimido. É neste sentido que caminham mais próximas das ideias propostas pelo movimento de *Négritude*, que é uma perspectiva um pouco diferente, e anterior à proposição de Glissant.

2.3.2 O refúgio numa Identidade única

O movimento ideológico e literário chamado *Négritude* foi idealizado e liderado por intelectuais negros francófonos, políticos e escritores franceses de 1930, cujo nome de maior peso seria o do poeta Aimé Césaire, precursor de Glissant e de Franz Fanon. Os escritores deste movimento encontraram numa identidade negra comum o suporte para lutar contra o racismo colonial francês. Eles acreditavam que a herança negra dos membros da diáspora seria a melhor arma de luta contra a dominação política e intelectual francesa.

É oportuno dizer que a *Négritude* contribuiu para essa mudança por meio de uma progressiva conscientização sobre a urgente necessidade de valorização e da reafirmação dos signos relativos à diáspora negra. (AGUSTONI, 2013, p.42 - grifos do autor)

A *Négritude* acredita que se faz necessário emergir e resgatar os rastros culturais de nossa herança africana para que seja possível confrontar as culturas do dominante e do dominado, de forma a se fazer conhecer o lado desse sujeito, herdeiro dos escravos, estereotipado, extirpado e deixado à margem na sociedade. “Nesse quadro, indivíduos e grupos excluídos ou desprivilegiados procuram refúgio em identidades e culturas exclusivistas nas quais se sentem mais protegidos.” VIANA (2005 p.297). Vejamos como a poetisa baiana Ana Fátima exprime tal afirmativa:

Em Santiago do Iguape
Revi as matas de Ossayin.
Pisei no engenho
Observei a miragem
Dos barcos dos Senhores

Rumo à igreja.
 Abracei a memória dos meus ancestrais
 E senti ares de minha casa
 Para além do Atlântico.[...]
 No quilombo, olhares irmanados.
 O canto d'Os Bantos
 Me levou para o colo de Dandalunda
 E lá ninei meus sonhos
 Aquilombei meus prazeres
 Enfim, encontrei meu lar. (Ana Fátima In: CADERNOS NEGROS, 2014, p.21)

Numa perspectiva de retorno à Pátria perdida, no conceito da *Mãe África*, muitas autoras (por que aqui nos atemos às escritoras negras) se utilizam de palavras africanas em seus textos. De acordo com os estudos psicanalíticos descritos no livro *A Babel do Inconsciente*, a língua está intimamente relacionada ao afeto e promove um elo profundo com a mãe (entendamos mãe como a África, dentro da perspectiva que nasce a partir do Pan-africanismo - O Pan-africanismo foi uma corrente ideológica, difundida prioritariamente pelo sociólogo, historiador e ativista William Edward B. Du Bois, que propunha uma visão unificada e interligada de todos os negros do mundo, dentro do território africano ou espalhados na diáspora).

Acredito que, para essas escritoras, utilizar a língua da “mãe” seria um ato de afeto, de amor e de valorização de uma “língua materna”, que lhes foi negada na diáspora. O livro nos conduz a olhar “toda língua como objeto de restauração” (AMATI-MEHLER, 2005, p.231). Inclusive, ainda dentro da pesquisa, podemos considerar que, inconscientemente, a preferência pelo uso de uma língua africana pode significar um ato de rebeldia e recusa dessa língua construída a partir da hibridação (que seria a língua nativa dessas escritoras) ou uma forma de corrompê-la e transformá-la, atribuindo-lhe novo significado e novos modos de uso, o que pode ser confirmado pelo pensamento de Eduardo Assis Duarte:

Assim, a afro-brasilidade tornar-se-á visível também a partir de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas da África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil. Ou de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de resignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua. Isto porque, bem sabemos, não há linguagem inocente, nem signo sem ideologia (DUARTE, 2014, p.38).

Geralmente é o que fazem os “exilados linguísticos”, como aponta Steiner (1990). Segundo o autor, eles se apegam desesperadamente à língua materna, neste caso, uma língua materna por identificação. Tal estratégia torna-se uma tentativa de não perder os laços, de manter viva a raiz e não se perder num outro mundo, de recuperar o sentimento de nacionalidade, pertencimento e cidadania.

A maior conquista que a *Négritude* alcançou [...] foi a liberdade de expressar conteúdos que integram elementos, características culturais ou preocupações referentes à diáspora negra por meio do uso de uma língua literária que corrói a língua canônica. (AGUSTONI, 2013, p.43)

Quando Fanon descreve a situação dos negros antilhanos colonizados, ele afirma que, para “existir” diante do outro, os negros eram obrigados a aprender o francês, que era a língua do colonizador. Assim, quanto mais eles assumiam valores culturais dos brancos, mais rejeitavam sua origem e mais se distanciavam de sua cultura. O homem que possui uma determinada linguagem passa a possuir o mundo que essa linguagem expressa.

Ao assumirem para si uma linguagem que culturalmente não é sua, mas de seus antepassados, as escritoras afro-brasileiras o fazem para resgatar essa “cultura perdida” e se aproximarem mais de sua ancestralidade, bem como, para confrontar a ideia de uma África estereotipa, carregada de negativismo e sofrimento.

De acordo com uma citação de Damourette e Pichón encontrada no livro de Césaire, “todo idioma é um modo de pensar”. E isso nos faz entender o motivo de resgatar uma língua africana. Desta forma, podemos entender que o uso de vocábulos africanos em seus textos seja uma estratégia dos escritores afro-brasileiros de valorização do pensamento ancestral africano. A partir desse uso, é possível utilizá-lo num discurso de subversão e luta contra todas as injustiças sofridas por este povo escravizado, de restabelecer a visão das múltiplas Áfricas, de fazer conhecer sua beleza e sua história. Nessa perspectiva, a África, muitas vezes, é vista como lugar de uma liberdade anterior ao tempo da escravidão.

Para a pesquisadora Prisca Agustoni (2013, p.42) “muitas vezes a escolha da língua imposta ou da língua nativa é determinada por uma opção consciente de comunicabilidade e de recepção da mensagem.” Tal afirmativa é feita tendo como base os escritores martinicanos que foram obrigados a aprender o francês e se expressarem em tal língua. Em muitos casos, a língua do colonizador

foi imposta aos escravizados, porém, com o passar do tempo, eles se utilizaram dessa língua para transformá-la em benefício próprio, para deformá-la e torná-la também sua. Algumas vezes, também, essas línguas entram em conflito e duelam arduamente entre si.

Um exemplo disso está na obra mais famosa de Aimé Cesaire *Diário de um retorno ao país natal*. No referido texto, a língua francesa aparece como detentora do monopólio narrativo, ou seja, é a língua oficial. Porém, a língua crioula aflora várias vezes no vocabulário e perturba a ordem do texto, como uma “impregnação” do popular no erudito. Prisca Agustoni busca explicação para este fato e afirma que:

Não se trata, no entanto, apenas de retomar a brilhante proposta de Fernando Pessoa, para quem “minha pátria é minha língua”, já que não estamos falando da identificação com uma pátria única, mas do contato entre vários espaços possíveis e móveis – visto que o Brasil é composto por pessoas provenientes de culturas diferentes – como múltiplas era e (ainda) são as línguas faladas em cada país africano e mesmo no próprio Brasil. [...] Também podemos perceber esse plurilinguismo brasileiro graças aos espólios das várias línguas africanas que ancoraram no Brasil, considerando os termos e as expressões que se incorporaram ao português falado no país e que são provenientes de diferentes línguas africanas. (AGUSTONI, 2013, p.20 – grifos do autor)

Mas é, sobretudo, sob o aspecto religioso, que muitos escritores e escritoras afro-brasileiros descrevem essas heranças e mantêm viva sua ligação com a Terra-mãe. A preservação de cultos, lugares sagrados e crenças dos antepassados africanos é um elemento essencial para a autoidentificação do negro brasileiro. Na literatura, os aspectos religiosos de matriz africana são encontrados mais nos poemas do que nos textos de prosa.

Como exemplo, vejamos um trecho do poema *Ayabas* de Janaína Teodoro. O título do poema está na língua *yorubá* e representa o nome dado às orixás femininas. Assim como ao longo do poema, várias outras palavras em *yorubá* descrevem cada entidade, como *Yemanjá*, *Oxum*, *Ewá* e *Obá*. Os termos *Salubá* e *Xireê* são saudações e esses orixás. O termo *Griot* refere-se ao responsável por transmitir as histórias de seu povo.

Como Griot, nas grandes rodas da sabedoria
Salubà, história das lutas vividas
Das tentativas alegrias...
Eparrei Mãe Guerreira, o seu extinto sustento

Tempestuosa nos raios celestes
 Não traz lamento...
 E no furor, em mares de lágrimas salgadas
 Yemanjá sustenta a alma lavando mágoas[...]
 Mamãe Oxum, de ti carrego a graciosidade,
 O denego, o amor, a riqueza de fertilidade
 Obá Xireê, meus entes queridos a aconchego
 Ao campo santo, Ewá a neblina do sossego
 [...] (Janaína Teodoro In: FAUSTINO, 2013, p.44)

De acordo com o pensamento político proposto pela maioria dos militantes negros, ainda é necessário fazer emergir e resgatar os rastros culturais da herança africana no Brasil para que seja possível que se fortaleçam ao confrontar as culturas do dominante e do dominado, de forma a deixar que seja conhecido o lado desse sujeito, herdeiro dos escravos, estereotipado, extirpado e deixado à margem na sociedade, considerando, entretanto, que somos frutos do entrelaçamento dessas culturas.

Dirce Prado, escritora paulista, nos exemplifica bem essa luta entre brancos e negros e a tendência destes a procurar refúgio na ancestralidade.

Concedo-me ser negra

Aprendi
 A não sufocar a minha negritude
 Tampouco disfarçar a minha cor
 Percebo a beleza do meu cabelo duro
 Hoje, reescrevo a minha história.

Aprendi a ser negra
 Ter a minha identidade
 A branca hipocrisia já não me assusta
 Não me intimida
 Minha linhagem predomina
 E o repúdio me ensina!

Então, concedo-me
 O direito da minha negritude
 Quero a minha diferença

Expressar as minhas raízes
 Assim, permito-me simplesmente
 Ser negra... eu mesma! (Dirce Prado In: CADERNOS NEGROS, 2014, p.71)

Cristiane Sobral, em seu poema *Saudade*, também expõe claramente esse sentimento de busca a uma pátria-mãe perdida, que acalenta em seu colo todas as dores sentidas e todas as injustiças sofridas nesta Terra distante, onde não há dor nem sofrimento. É como se todos os problemas fossem resolvidos e todos as cicatrizes curadas quando em contato com essa Mãe que tudo pode em sua infinita grandeza.

Ai que saudade da mãe África
 Da mãe de fartura e do seu colo enorme, quente e agradável
 Da mãe cheia de doçura

Ai que saudades da mãe África
 Da rainha mãe corajosa, guerreira e onipotente
 Estou com a saudade ardendo no meu umbigo

Silêncio dolorido. Choro. Banzo d' além mar
 Tudo em mim é África, verdadeira força para enfrentar tempestades
 Tudo em mim é lembrança da liberdade vivida em mares antes navegados
 Com a minha mãe aprendi a andar sobre as águas profundas...

Ai quanta melancolia nesta saudade pálida!
 Escuta a minha tristeza por tantos filhos bastardos
 Que ainda não reconhecem a tua grandeza mãe!

Oh Mãe da divina providência
 Escuta a minha voz africana em terras distantes
 Traduz o meu grito incompreendido desta diáspora em terras colonizadas
 Grito Kimbundu, kikongo e ioruba

Oh Mãe poliglota do universo negro
 Tu, que alimenta o meu sangue e guia o meu espírito
 Vai sempre á frente, cuida do meu coração. (SOBRAL, 2011, p.86)

2.3.3 A noção de Identidade segundo Kabengele Munanga

De acordo com o pesquisador Kabengele Munanga, o tema da identidade negra é algo muito debatido, porém, de difícil definição. Para ele, existe uma identidade que é definida por estudiosos, que se dá através de critérios objetivos; já a identidade atribuída por uma auto definição do próprio grupo e aquela atribuída ao grupo por pessoas de fora.

Para o autor, a identidade negra então pode ser entendida e subdividida em Identidade Objetiva e Identidade Subjetiva.

A Identidade Objetiva se dá através das características culturais e linguísticas, o que seria um ponto de vista mais próximo da perspectiva de Fanon. Já a Identidade Subjetiva seria a forma pela qual o próprio grupo se define ou é definido por outros grupos.

Munanga explica que o processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre “nós” e o “outro” e isso faz com que o grau dessa consciência não seja igual entre os negros, tendo em vista suas diferenças socioculturais, um exemplo disso seria as diferenças religiosas.

Aspectos históricos, linguísticos e psicológicos também interferem na construção da identidade negra. Segundo Munanga, são as combinações desses fatores que constituem a identidade, mesmo que tais fatores não se entrelacem da mesma forma ou simultaneamente.

Dentro dos fatores históricos, está, sobretudo, o aspecto religioso. Já nos fatores linguísticos, estão as formas de comunicação adotadas pelo negro ou negra, seja esta comunicação linguística ou corporal, cabelo e estilos musicais também estão dentro deste campo. O fator psicológico ocorre na análise do temperamento de negros e brancos em contraste.

Um fato importante levantado pelo pesquisador é que os critérios raciais sem consciência política ou ideológica não são suficientes para a formação da identidade. Neste aspecto, há que se levar em conta, também, a situação dos mestiços, que recorrem a critérios ideológicos para recriar sua identidade.

Todos que sofrem algum tipo de discriminação racial se voltam para seus valores culturais ou tentam recuperá-los, mesmo que simbolicamente, atrás do discurso da *negritude*, ou seja, de reconhecimento de aspectos culturais que o fazem negro.

Entendamos aqui a diferença entre *Négritude* e *negritude*. *Négritude* é um nome francês dado a uma corrente literária, um movimento de valorização da estética negra na literatura (mencionado anteriormente). Já *negritude* é um discurso cultural, um sentimento de pertença a uma identidade negra.

A *negritude*, enquanto identidade negra, se refere à história comum dos negros e sua relação com o mundo ocidental (branco). Para Munanga, a *negritude* deve ser vista como afirmação e construção de uma solidariedade entre os negros, principalmente os que se veem como vítimas do racismo. Assim, o autor entende que o sentimento deixa de ser o de ressentimento e revolta, e, passa a ser o de fraternidade e armas de combate. “A *negritude* torna-se uma convocação permanente de todos os herdeiros dessa condição para se engajem no combate para reabilitar valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas”. (Munanga, 2012, p.20)

Para estabelecer o discurso de afirmação de uma identidade e de uma *negritude*, é necessário resgatar, através da memória, traços culturais. De acordo com Munanga, neste processo, há uma revalorização e uma aceitação de sua herança africana, o que faz com que o negro reconstrua sua identidade de forma positiva.

Enquanto uma única pessoa continuar a ser caracterizada e discriminada pela cor da pele escura, enquanto uma única pessoa se obstinar, por causa de sua diferença, a lançar sobre outra pessoa um olhar globalizante que a desumaniza ou a desvaloriza, a *negritude* deverá ser o instrumento de combate para garantir a todos o mesmo direito fundamental de desenvolvimento, a dignidade humana e o respeito das culturas do mundo. A *negritude* fornece nesses tempos de globalização, um dos melhores antídotos contra as duas maneiras de se perder: por segregação cercada pelo particular e por diluição no universal. (CESAIRE, 1987, p.5-33, apud MUNANGA, 2012. P.21)

Para Munanga, os negros possuem problemas específicos que só podem ser resolvidos por eles mesmos. Entre tais problemas, estariam a alienação do seu corpo, sua cor, sua história e sua cultura, criando em seus indivíduos uma “inferiorização” e baixa estima. Daí a importância da busca por uma identidade, que funcionará como uma “terapia de grupo” e irá auxiliar no processo de igualdade e elevação da estima.

A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua *negritude* antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede matéria de todos os

aspectos da identidade. (MUNANGA, 2012, p.19)

Dentro desta perspectiva do corpo com reflexo da identidade, o processo de valorização do cabelo crespo seria uma forma bastante forte de afirmação dessa identidade. Assunto que trataremos mais adiante.

2.3.4 Buscando o equilíbrio entre as teorias

Desta forma, vimos que a *Négritude*, a partir do Pan-africanismo, prega um retorno a uma pátria de origem, a África, território de onde vieram os primeiros negros. Porém o estudioso Paul Gilroy afirma que essa pátria-mãe é uma África imaginada, uma terra que já não é mais a mesma e não percebe que, assim como a África, este africano (ou descendente dele) também não é mais o mesmo. De acordo com Gilroy, a cultura desse povo, sua língua e sua identidade se modificaram desde a travessia pelo Atlântico. Aimé Césaire confirma que tal retorno, assim como desejado pela *Négritude*, já não é mais possível. Para Glissant, essa tentativa de um retorno acarreta uma frustração nesse indivíduo, pois o mesmo não se sente pertencente a nenhum lugar. Não reconhece o lugar de “origem” e não se vê reconhecido no lugar onde vive.

Sob a ideia-chave da diáspora, nós poderemos então ver não a “raça”, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem. (GILROY, 2012, p.25)

Para o Doutor em Sociologia da USP, Reginaldo Prandi, para afirmar sua negritude, sua condição africana, o negro brasileiro precisa entender-se num outro contexto, no contexto do ser brasileiro. Para Prandi (2010), o negro volta ao seu passado mítico para beber na fonte da ancestralidade perdida, numa origem “idealizada” que ele adota como sua, porém utiliza-se disso para ressignificar o seu presente em seu lugar atual. De acordo com o autor “a reconstituição do passado que orienta a construção da identidade se faz assim a partir da cultura brasileira e não da verdadeira e perdida origem étnica, familiar e, em última instância, racial”. (PRANDI, 2010, p.36)

Paul Gilroy, em seu livro *O Atlântico Negro*, alerta para o engodo de um particularismo étnico, sem com isso negar a importância do reconhecimento da raça na construção social e cultural e na luta por igualdade. Ele afirma que o absolutismo étnico traz “perigos adicionais porque desconsidera o desenvolvimento e a mudança das ideologias políticas negras e ignora as qualidades inquietas e recombinantes das culturas políticas afirmativas do Atlântico Negro”. (GILROY, 2012 p.85)

Ainda segundo o autor, contra tais concepções de cultura que se pautam em diferenças étnicas e exclusivismo cultural, o ideal seria recorrer à teorização sobre crioulização proposta por Edouard Glissant, mencionada anteriormente.

Para Hall (2003, p.36), “a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compreensões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o “lugar””. Segundo o teórico, as culturas possuem sim um local, porém já não é possível mais dizer onde elas se originaram. Tal afirmação endossa a tese que Duarte chama de “hibridismo cultural”. Para Duarte, essa ideia rompe com as bases do “nacionalismo” e seus derivados; mesmo sendo esta uma ideia utópica, não deixa de ter um caráter político. Segundo Duarte, estamos “num mundo em que tudo se mistura e se reprocessa” (2005, p.101). Numa perspectiva diaspórica, que não privilegia o Estado-nação, Paul Gilroy afirma que:

O conceito de espaço é em si mesmo transformado quando ele é encarado em termos de um circuito comunicativo que capacitou as populações dispersas a conversar, interagir e mais recentemente até a sincronizar significativos elementos de suas vidas culturais e sociais. (GILROY, 2012, p.20 e 21)

Dentro dessa perspectiva, Cristiane Sobral escreve o poema *Porto 6*, que faz uma alusão à obra de Camões e que reforça essa ideia do entrelaçamento cultural, sobretudo sob o aspecto da língua.

Na ponta da minha língua senti um gosto de beijo
 À portuguesa
 A sua língua me invadiu e provocou a revolução
 Francesa
 Misturamos tudo
 Pele clara com pele escura,
 Sussurro no meio com palavra mais dura
 Tudo abençoado pelo vovô latim

Nessa linguagem toda a gente nunca mais se separou...
Hum...
Que beijo gostoso,
Linguarudo!
Português com francês
Deu porto 6. (SOBRAL, 2011, p.30)

Portanto, a partir de tais posicionamentos, é importante analisar essa escrita afrodescendente, sobretudo a escrita afro-feminina, numa perspectiva de entrelaçamento dessas teorias. Acredito que, mesmo buscando origens e raízes ancestrais, as autoras, especificamente Cristiane Sobral, o fazem dentro de um contexto diaspórico, ressignificado e permeado de novas e outras conotações culturais, o que dificulta manter uma unidade, uma identidade uníssona.

Mesmo que haja a retomada linguística de uma pátria africana, mesmo que a afirmação da negritude sobressaia no papel, as demandas são atuais, são frutos de uma sociedade contemporânea, as violências se transformaram e as necessidades de liberdade são específicas. Nos dias atuais, não há como afirmar o pertencimento a somente uma única etnia. Há sim como recuperar rastros culturais dessa etnia de origem, que foram perdidos e apagados e trazê-los para o contexto atual como elemento base da construção desse eu, fruto de um processo diaspórico sim, nascido das Américas e reconstituído numa nova sociedade.

3 “Não vou mais lavar os pratos” – Cristiane Sobral desconstruindo estereótipos na perspectiva do Feminismo Negro

*“Piso no racismo
Piso sem cinismo
Piso e planto flores
Azuis da cor do céu.”*

Cristiane Sobral

3.1 O reflexo do machismo e do preconceito na Literatura

O preconceito racial é um problema grave em nossa sociedade, porém, quando se trata da mulher negra, o estigma é maior e bem mais feroz, sendo a mulher negra tratada na sociedade como símbolo erótico, estereotipado, desprovido de sentimentos e humanidade. Miriam Alves afirma que o corpo da mulher negra é “um corpo vitimado que necessita se desvencilhar das marcas de sexualização, racialização e punição nele inscritas para redefini-lo numa ação de afirmação e autoafirmação de identidade” (ALVES, 2010, p.71).

O período da escravidão sustentou o poder de um grupo sobre o outro, sobretudo o poder dos senhores donos de escravos sobre a mulher negra. Relação esta, extremamente erotizada e violenta.

É importante analisar que o papel dessa mulher foi desenhado sob um olhar machista, numa sociedade chefiada por homens e onde predominava o regime escravocrata, o que é muito bem exemplificado pela estudiosa Luiza Bairros:

O uso do conceito mulher traz implicado tanto a dimensão do sexo biológico como a construção social de gênero. Entretanto a reinvenção da categoria mulher frequentemente utiliza os mesmos estereótipos criados pela opressão patriarcal – passiva emocional etc – como forma de lidar com os papéis de gênero. Na prática aceita-se a existência de uma natureza feminina e outra masculina fazendo com que as diferenças entre homens e mulheres sejam percebidas como fatos da natureza. Dessa perspectiva, a opressão sexista é entendida como um fenômeno universal sem que no entanto fiquem evidentes os motivos de sua ocorrência em diferentes contextos históricos e culturais. (BAIRROS, 1995, p.459)

A questão de gênero é uma construção social e histórica, que varia de cultura para cultura, e que implica na formação das identidades e no comportamento da sociedade. E é, portanto, através da construção de gênero e de todas as implicações que permeiam este fato que se sustentam os preconceitos.

Dentro dessa construção de gênero, da forma como se enxerga a mulher na sociedade brasileira, a posição que ocupa a mulher negra é o foco a ser discutido neste trabalho. O processo do racismo, dentro de uma perspectiva de gênero, “coisificou” a mulher negra e deu-lhe uma inferioridade que justificou, durante muito tempo, (e ainda justifica) os abusos domésticos e de origem sexual. De acordo com o pensamento de hooks (1995, p.468) “perpetua uma iconografia de representação da mulher negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros”.

Para a professora e feminista Kimberlé Williams Crenshaw, o termo interseccionalidade explica bem este lugar da mulher negra no mundo.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.(CRENSHAW, 2002, p.177)

Este conceito, originalmente, foi proposto por Crenshaw para tentar abarcar as demandas de raça, classe e gênero das mulheres negras, que não eram contemplados no movimento feminista tradicional. A teoria, conceito ou posicionamento político-social, tenta explicar a relação dessas mulheres e suas demandas específicas com a sociedade, ele também situa a necessidade de uma luta política da mulher negra por reconhecimento e espaço. No Brasil, o termo é retomado por feministas negras como Luiza Bairros e Lélia Gonzalez.

No poema *Pérola Negra*, Cristiane Sobral exemplifica bem essa luta para acabar com os estigmas que foram impostos às mulheres negras. Além disso, ela mostra como a mulher é capaz de vencer esses estereótipos usando de sua coragem e inteligência. No poema a mulher utiliza sua dor como arma e escudo e promove a receita do bem viver, se torna feliz, dona da sua vida e do seu prazer.

Pérola Negra

Cresci como planta assustada
Arrancada precocemente da raiz
Nunca fui tratada com respeito
Nem sei como vinguei
Com todo mundo querendo pegar
Apertar meu peito
Bater na minha bunda

Nunca fui tratada com respeito
Gritavam comigo a todo instante
Não respondiam aos meus porquês
Sentia frio, fome e solidão

Nunca fui tratada com respeito
Nunca fui amada
Beijar que nada
Eu não era digna

Zombavam da minha pele preta
Debochavam das minhas coxas grossas
Puxavam o meu cabelo denominado “ruim”
Batiam na minha cara por qualquer motivo

Eu me alimentei das minhas ausências
Nem sei como venci todas as minhas urgências
Consegui fazer brotar os meus frutos

Renasci
Triturei minha dor
Comi minhas próprias cinzas
Mas deixei um pouco para forjar uma nova pele

Eu me vinguei sendo muito mais negra
Eu me vinguei sendo mais sábia
Eu me vinguei sendo muito mais feliz

Hoje sou dona dos meus caminhos
Tatuei as minhas cicatrizes como quem borda ninhos

Tenho as chaves do meu prazer
Sou pérola negra
Aprendi a receita do bem viver. (SOBRAL 2014, p.40)

Eduardo Assis Duarte retrata em seu artigo *Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade* os estereótipos impostos às mulheres negras nestas obras clássicas da Literatura. Duarte aponta que, em *O Guarani* de José de Alencar, podemos encontrar a mulher loura associada à figura angelical, ligada a Deus e ao céu, enquanto a mulata era vista como “moça morena, lânguida e voluptuosa” ligada aos prazeres terrenos. Tal comparação se dá no contraste entre as personagens Ceci e Isabel. (ALENCAR apud DUARTE, 2009, pag. 8).

Já em *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel Antônio de Almeida, a figura feminina de Vidinha descrita como “uma mulatinha de 18 a 20 anos, (...) peito alteado, cintura fina, pés pequeninos, (...) lábios grossos e úmidos, os dentes alvíssimos...” (ALMEIDA apud DUARTE, 2009, pag.9), reforça o erotismo em torno das personagens mestiças. O abuso do sensualismo da mulata ganha força em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, encarnado na figura de Rita Bahiana, retratada aqui como “fruto dourado e acre dos sertões”, o que pesquisador conclui ser uma dupla adjetivação que representa sedução e destruição. Na obra, o poder destrutivo da mulata “feita toda de pecado” acarreta mortes e desagregação da família. Duarte também compara as cenas de sexo entre Rita e o português Jerônimo com uma forma de estupro do homem pela mulher, referindo-se à descrição feita na obra “anjos (Jerônimo) violentados por diabos (Rita)”.

Um detalhe muito pertinente observado por Duarte nas relações interraciais é que toda a intensa atividade sexual da mulata não envolve nem gravidez nem casamento. Rita Bahiana, ao contrário de outras personagens, descarta o casamento, pois o via como sinônimo de escravidão. Duarte observa que, o que poderia ser visto aqui como um traço feminista do discurso de Azevedo, indica apenas o fato da conveniência do sexo sem filhos, e, ainda, a reprodução de imagens cristalizadas de representação feminina, especialmente da mulher negra, desde o imaginário colonial. Para Duarte, o *Cortiço* reforça o pensamento hegemônico e o preconceito inserido na sociedade de seu tempo. Entram neste hall, também, as obras *Vítimas algozes* e *Escrava Isaura*.

É importante destacar que até aqui, os imaginários sobre o corpo da mulher negra se baseavam em valores construídos historicamente, mais precisamente a partir do processo de escravidão numa perspectiva superficial e inferiorizante. De acordo com SILVA (2009, p.71) “Sobre elas recaem tanto as representações em relação ao uso de seu corpo enquanto objeto sexual como aquelas que o vêm adequado ao trabalho doméstico”.

Saindo do século XIX e entrando no século XX, podemos lembrar as “mulatas assanhadas” de Jorge Amado, objetos de desejo masculino, o que reforça a ideia do preconceito, pois a mulher que não fosse branca era sempre carregada de estereótipos racistas. De acordo com Miriam Alves (2010), enquanto as sinhazinhas brancas tinham que manter a virgindade como símbolo da pureza, as mulheres negras vivenciavam a violência sexual cometida pelo Senhor de escravo e pelo capataz.

Sob esta perspectiva de que há um controle, um poder e um domínio exercido no corpo da mulher negra por seu senhor, em que este corpo é destinado tanto ao trabalho forçado quanto para o sexo forçado, o filósofo Michel Foucault afirma que:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. [...] “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. (FOUCAULT, 2011, p.164)

Tais fatos retratados na Literatura refletem o pensamento machista da época, endossado pelo racismo e pela ideia de inferioridade da população negra (ideia difundida pelas pesquisas científicas de Gobineau¹). Pensamentos estes migraram para uma prática violenta que se sustenta até os dias de hoje através da cultura do estupro.

A herança da sociedade patriarcal está impregnada no imaginário social, e atua consciente e inconscientemente nas relações de poder, é alimentada todos os dias das mais variadas formas de opressão, por isso é necessários que haja uma compreensão de denominadores comuns que atuem como via de fortalecimento e legitimação de políticas de igualdade. (LOPES, 2015, p.8)

¹ Diplomata, escritor e filósofo francês, importante teórico sobre o racismo. Segundo ele, a mistura de raças (miscigenação) era inevitável e levaria a raça humana a graus sempre maiores de degenerescência física e intelectual

Ao mesmo tempo em que a Literatura “apenas” refletia essa prática machista, também endossava e eternizava tais práticas através de seus escritos. Duarte se vale do pensamento do filósofo Jacques Derrida para explicar este fato:

Para Derrida, é no jogo de sentidos construídos pela escritura, em suas múltiplas relações intertextuais, que ficam revelados os movimentos de força que levam esse recalque da diferença e ao estabelecimento de um significado por ele chamado de transcendental, isto é, acima de qualquer questionamento, a exemplo dos dogmas e verdade absolutas ainda presentes em tantos sistemas de pensamento. (DUARTE, 2005, p.69)

Entrelaçada à questão da erotização da mulher negra está a questão da infertilidade, inserida em algumas obras de Guimarães Rosa, Bernardo Guimarães e Aluísio de Azevedo. Nenhuma personagem negra tinha filhos, mesmo aquelas que se casavam, fato que, segundo a pesquisa, reforça o compromisso da literatura brasileira com a discriminação racial.

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. (EVARISTO, 2005, p.53)

Para a consagrada escritora Conceição Evaristo, isto é algo muito mais sério do que possa parecer, pois sugere o apagamento da contribuição africana na formação da nossa história e da nossa cultura.

Desta forma, podemos observar o peso que possui a linguagem. Em cada uma dessas obras, o sentido atribuído aos signos carrega uma ideologia profundamente entranhada no imaginário da sociedade, muito difícil de ser contida ou reparada.

Portanto, se faz urgente repensar e reescrever a história dessa mulher negra, desfazendo traços culturais de marcas e estereótipos, que a condenam à marginalidade, à erotização exacerbada e à subserviência. De acordo com Sueli Carneiro, doutora em educação e fundadora do Geledés (Instituto da Mulher Negra) tal proposta é vista como um grande desafio:

Coloca-se, portanto, como desafio, a necessidade de incidir sobre as construções culturais racistas que permanecem reproduzindo a imagem estereotipada das mulheres negras e sua desqualificação estética. É preciso confrontar o peso da hegemonia da branquidade nessa desqualificação estética das mulheres negras, que tem impactado a sua empregabilidade e

a sua possibilidade de mobilidade social, além de impactar negativamente a sua capacidade de disputa no mercado afetivo. Além da reconstrução de um imaginário sobre as mulheres negras, capaz não apenas de reverter essas imagens de controle que as aprisionam, faz-se necessária a formulação de propostas que permitam a circulação igualitária das imagens das mulheres recortadas pela raça. (CARNEIRO, 2015, p.8)

Para Sueli Carneiro, a visão equivocada construída socialmente e muito reforçada pela Literatura, pela mídia e outros veículos de imagens, refletem na forma como as negras são vistas e tratadas na sociedade, inclusive no campo profissional e afetivo.

Para compreender a necessidade de escrita afrofeminina, é preciso entender também a relação das mulheres negras com o feminismo tradicional das décadas de 60 e 70. Tal movimento se pautava no contexto vivido por mulheres brancas e de classe média, em que a luta se pautava no conflito binário homem x mulher. Sem distinguir essas mulheres dentro do próprio grupo, para o movimento, todas elas estariam sujeitas aos mesmos tipos de questões. Segundo Alves (2010), a militância feminina negra se distingue do feminismo tradicional, uma vez que para elas haviam outros desafios a serem superados: um deles era o preconceito sofrido por elas pelas próprias mulheres brancas.

A participação da mulher negra nos movimentos sociais sempre foi constante na história de resistência e de luta do povo negro, onde as mulheres negras foram protagonistas, fato que o feminismo ocidental não foi capaz de compreender. Elas ficaram invisíveis como referências de luta política ou literária, excetuando-se alguns exemplos repetidos à exaustão, como é o caso de Luiza Mahim, revolucionária da revolta dos Malês na Bahia, e Carolina Maria de Jesus, escritora com livros traduzidos em mais de vinte idiomas. (ALVES, 2010, p.64)

No início, os papéis destinados às mulheres negras nos movimentos eram aqueles determinados pelos aspectos sexistas da época, como, por exemplo, secretariar as reuniões e organizar os espaços da sede. A partir do momento em que tomaram consciência de seu papel social, dentro e fora do movimento, ficou visível o peso do machismo dos homens negros em relação às mulheres. Ficou claro o papel dominante que os homens, independente de cor, exercem sobre as mulheres. De acordo com Alves (2010), tal fato imprime uma diferença significativa entre o movimento feminista negro e o movimento feminista branco. As afro-

brasileiras precisam combater e superar as conflituosas relações sociais de gênero e de racialização.

Esse novo olhar feminista e anti-racista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra. O atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimento negro e de mulheres do país, enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro. (CARNEIRO, 2011, p.3)

Desta forma, podemos perceber a relevância desse movimento feminista negro na literatura, pois é ele que vai atribuir à escrita da mulher negra um aspecto particular de luta e desconstrução. A mulher negra retrata em sua escrita, situações da realidade que lhes são próprias e trazem à tona no cenário social conflitos intensos baseados no preconceito e no racismo, mas também o desejo de transformação da realidade a partir do rompimento com as imagens distorcidas veiculadas na história. A escrita feminina negra visa promover a equidade, a liberdade e a valorização de sua identidade. Vejamos como Sobral consegue retratar tais aspectos no poema *Espelhos Negros*.

Quando você apareceu
O eclipse aconteceu
Meu cabelo ficou do jeito que eu queria
Pude cozinhar o secado em “banho maria”

Ainda bem que você surgiu!
Minha autoestima refletiu
Tomei tesão como medicação a semana inteira
A mulher forte e decidida saiu da geladeira

Mas eu também cheguei!
Cheguei mais perto do espelho do banheiro...
Olhei e percebi quão melhor fiquei
Muito mais negra, enfrentando o mundo inteiro

Nós dois, que perigo para a humanidade!
Se a comunidade negra
Forte, unida, de verdade

Começar a se reproduzir
O mundo inteiro vai sacudir. (SOBRAL, 2014, p. 23)

Este poema exemplifica bem tudo o que foi dito até aqui, a construção de uma autoestima pautada nos seus aspectos estéticos ancestrais; o termo “tesão” traz essa ideia da mulher sexualmente livre; o empoderamento ao afirmar que “ a mulher forte e decidida saiu da geladeira” e que se vê de uma forma melhor. Fato que já vem subentendido no título “espelhos negros”, em que a mulher já não é mais um reflexo da sociedade, mas um reflexo dela mesma. E a culminância na última estrofe da ideia de que o povo negro unido se torna mais forte e capaz de abalar o mundo.

De acordo com Duarte (2005), a identidade feminina não é somente construída, mas também fruto de suas relações sociais. Pensamento que fortalece a tese de que a Literatura afro-feminina pode sim inspirar mudanças de paradigmas, uma vez que busca retratar em seus textos os desejos dessa mulher negra e seu papel na sociedade. As relações sociais sejam elas de conflito racial, amoroso ou religioso invadem a poesia de Sobral e isso favorece um registro mais condizente com a imagem que essa mulher negra deseja construir de si mesma.

No poema *Inoxidável*, a autora deixa claro a imagem que deseja construir, a de uma mulher forte, lutadora e vencedora, que não vai se render com facilidade aos desmandos da sociedade e nem se abater ante às violências do cotidiano.

Sou osso duro de roer
Tente morder
Tente quebrar
Sugiro não tentar

Sou osso duro de roer
Sem atalhos
Sem desculpas
Nada de mentiras nem culpa

Tente atacar você vai ver
Meu sobrenome é mulher
Venha quem vier
Sou osso duro de roer

Venço a violência
 Fujo da indecência
 Odeio hipocrisia café com leite
 Sou tudo isso e nunca pro seu deleite

Sou carne de pescoço
 Desista você vai perder
 Sou osso duro de roer
 Fênix fêmea forjada na luta pra sobreviver. (SOBRAL, 2014, p. 118)

Esta última frase “Fênix fêmea forjada na luta pra sobreviver”, nos remete ao que afirma Sueli Carneiro sobre a necessidade de as mulheres estarem sempre lutando para vencer o racismo, o sexismo, o preconceito, a violência, enfim, sobreviver. A Fênix, símbolo de uma vida que recomeça do nada, é para a mulher negra, fonte de inspiração, uma vez que ela também precisa se reconstruir do nada. A mulher negra sai da posição de objeto (ser inanimado) para a posição de Ser Humano empoderado e cheio de vida. Fato que se torna real e possível através dos escritos de Sobral, pois como ela mesma diz “Mulher é bicho esquisito e poderoso / faz o que dá na telha / desde a criação / ninguém segura mulher não...” (SOBRAL, 2014, p.119)

3.2 Cristiane Sobral – escritora, atriz, mãe, mulher e feminista

Cristiane Sobral nasceu no Rio de Janeiro em 1974, mas vive em Brasília desde 1990. É casada com Jurandir dos Santos Luiz e tem dois filhos, Malick Jorge de 7 anos e Ayana Thainá de 6 anos. É escritora, atriz e professora de teatro. É bacharel em Interpretação pela UnB (1998), licenciada em Educação Artística pela UCB (2005), especialista em Docência Superior pela UGF (2008), Mestre em Artes UNB e há 18 anos dirige a Cia de Arte Negra Cabeça Feita. Foi a primeira atriz negra a formar-se em Interpretação Teatral pela UnB. É Coordenadora Intermediária do Ensino Médio na UNIEB-NB e membro do Sindicato dos Escritores do DF. É escritora imortal, cadeira 34 da Academia de Letras do Brasil. Publicações: “Não vou mais lavar os pratos” “Espelhos, Miradouros, Dialéticas da Percepção”, “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz” e o mais recente “O tapete voador”. Escreve no blog www.cristianesobral.blogspot.com.br e publica na

página: <https://www.facebook.com/CristianeSobralArtista/?fref=ts>. Além disso, já fez vários trabalhos como atriz para o teatro e cinema. É ganhadora do Prêmio FAC 2017 – Culturas Afro-Brasileiras. Tem palestrado em várias universidades, escolas de ensino regular, eventos literários e eventos sociais de temática negra. Seja qual for a área de atuação, Cristiane Sobral está sempre buscando formas de quebrar paradigmas e desconstruir preconceitos estabelecidos.

Para que seja possível romper com paradigmas e posturas consolidadas numa sociedade, é preciso muita coragem. Coragem para se posicionar de forma contrária ao esperado, criando uma nova rota, um caminho de fuga, que aqui é a criação de novas possibilidades e novos sujeitos. Talvez seja algo que Nietzsche chamou de vontade de potência, uma vontade criadora que transforma e move o indivíduo, “todo acontecimento, toda mudança, é uma luta não pela vida, mas pela potência”. (DIAS, 2011, p.37).

E é numa perspectiva criadora, que os poemas de Cristiane Sobral desconstroem uma estética padronizada da Literatura, gerando uma força propulsora para a criação de uma nova Literatura afro-brasileira. Com estilo próprio, ousado e moderno, os poemas abordam questões como o corpo, o trabalho, o amor, a maternidade, a beleza da mulher negra contemporânea, que também ressurgem de um passado estigmatizado onde sua verdadeira essência e identidade foram nitidamente deturpados.

Seu livro de maior sucesso é o livro de poemas intitulado *NÃO VOU MAIS LAVAR OS PRATOS*, que também é o nome do poema que abre o livro. Este foi o primeiro livro de poemas da autora, onde se encontram poemas de diversos assuntos, como maternidade, amor, sexo, cabelo, racismo e escrita literária, todos culminam no mesmo objetivo: a valorização e o empoderamento das mulheres negras.

Neste poema que dá título ao livro, a proposta feminista de valorização da mulher negra, a resignificação de seu papel na sociedade, a importância do seu acesso à cultura e educação ficam evidentes. Foi através deste poema que Sobral despontou no cenário Literário e se tornou um símbolo dentro dos movimentos de mulheres negras.

Não vou mais lavar os pratos

Não vou mais lavar os pratos

Nem vou limpar a poeira dos móveis
 Sinto muito. Comecei a ler
 Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi
 Não levo mais o lixo para a lixeira
 Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal
 Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos
 a estética dos traços, a ética

A estética

Olho minhas mãos quando mudam a página dos livros
 mãos bem mais macias que antes
 e sinto que posso começar a ser a todo instante
 Sinto

Qualquer coisa

Não vou mais lavar
 Nem levar.
 Seus tapetes para lavar a seco
 Tenho os olhos rasos d'água
 Sinto muito
 Agora que comecei a ler, quero entender
 O porquê, por quê? E o porquê
 Existem coisas
 Eu li, e li, e li
 Eu até sorri
 E deixei o feijão queimar...
 Olha que o feijão sempre demora a ficar pronto
 Considere que os tempos agora são outros...

Ah,

Esqueci de dizer. Não vou mais
 Resolvi ficar um tempo comigo
 Resolvi ler sobre o que se passa conosco
 Você nem me espere. Você nem me chame. Não vou
 De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais entendi
 você foi o que passou
 Passou do limite, passou da medida, passou do alfabeto

Desalfabetizou

Não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira

Nem limpar a poeira e espalhar o pó daqui para lá e de lá para cá
Desinfetarei as minhas mãos e não tocarei suas partes móveis

Não tocarei no álcool

Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler
Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar
Meu tênis do seu sapato
Minha gaveta das suas gravatas
Meu perfume do seu cheiro
Minha tela da sua moldura
Sendo assim, não lavo mais nada
e olho a sujeira no fundo do copo
Sempre chega o momento
De sacudir, de investir, de traduzir
Não lavo mais pratos
Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo
Em letras tamanho 18, espaço duplo

Aboli

Não lavo mais os pratos
Quero travessas de prata, cozinhas de luxo
E jóias de ouro
Legítimas
Está decretada a lei áurea. (SOBRAL, 2011, p.23)

Em primeiro lugar, o poema nos transmite a ideia de que o conhecimento transforma a pessoa. O indivíduo que lê, estuda, passa a se conhecer e reconhecer seu lugar no mundo e seu papel na sociedade.

Logo nos primeiros versos do poema, o eu lírico afirma que não irá mais lavar os pratos nem limpar a poeira dos móveis porque começou a ler. Os versos fazem uma referência ao trabalho doméstico, muitas vezes realizado por mulheres negras e pobres, e em sua maioria sem estudo ou hábito de leitura. Os versos provocam o leitor, levando a crer que o fato de começar a ler, transforma o eu lírico e rompe com paradigmas pré-estabelecidos, ou seja, começar a ler, nos modifica, nos melhora, nos eleva. Na mesma estrofe, a autora reafirma tal ideia do trabalho doméstico, quando menciona “*levar o lixo para a lixeira*”, “*arrumar a bagunça do quintal*”. Ao abrir o livro, o eu lírico passou a observar os objetos de uma outra

forma, mais estética e mais ética, é a visão do conhecimento, ou seja, um novo olhar sobre as mesmas coisas.

Na segunda estrofe, intitulada: A estática, a autora ressalta o fato de ter as mãos mais macias do que antes e um sentimento de autoestima elevada quando diz que: "*sinto que posso começar a ser a todo instante. Sinto*". A ideia de que o indivíduo que lê passa a se sentir melhor, a se sentir como pessoa, que tem sentimentos, que sonha e se vê "*sendo*" alguém é muito forte. Agora, o eu lírico quer entender o porquê de tudo, descobrir coisas antes veladas e acaba fazendo uma afirmação enfática e determinada: "*...os tempos agora são outros...*", o que vem reforçar a ideia da mudança.

A partir da quarta estrofe, o eu lírico mostra-se por inteiro, verdadeiro, e diz que quer ler o que se passa com ele e com o outro, e diz que, o que aconteceu antes passou, passou no tempo, passou dos limites e que não adianta mais chamar, àquele velho tempo, não voltará.

A frase emblemática do texto, em minha opinião, está na quinta estrofe: "*não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira*". Que sujeira seria essa que está encoberta, escondida e prestes a ser revelada??? Seria o abuso de poder, a diferença de classes e de trabalhos subordinados e não reconhecidos? Seria o fato da profissão de doméstica nos remeter aos velhos tempos da escravidão, de servidão e abuso de autoridade? Fica aqui a questão.

Na perspectiva de uma identidade relação, como sugere Glissant, onde a identidade construída é mesclada e ressignificada na diáspora, Cristiane Sobral também escreve sobre assuntos corriqueiros sem que haja nesses textos traços étnico-culturais. Mesmo sem uma proposta de engajamento político, percebe-se em seus textos de amor, uma postura feminista de igualdade de direitos e de empoderamento do corpo.

Nos poemas de Sobral, a mulher não fica sofrendo por amor, ela se reinventa e se mostra otimista e dona de si. Neles, é permitido os orgasmos, o gozo pleno, as dores e as delícias da paixão. Porém, também se observa nesses textos uma mulher mais racional, que ama, mas que exige ser amada; que chora, que goza, mas que não se permite diminuir; que não se deixar usar e que sabe plenamente o real sentido das coisas. Algumas dessas características, podemos observar em seu poema *Infinitamente Provisório*, que fala do amor como algo transitório, que finda e renasce em outra pessoa.

Vou partir e saio meio quebrado. Sobrevivi
 Um amor em pedaços
 Com fagulhas espetando como farpas
 O amor é meio lagartixa
 Assim como parte recupera
 Alcança nova vida distante da gente. Regenera
 Vou partir e não há chance de reconciliação
 Tchau. Adeus. Outros lábios chegarão
 Nunca iguais aos seus
 O amor esquece o antigo
 Quando envolvido em novos braços
 O amor tem a memória da situação
 Partirei. Termina o nosso mundo
 E recomeça um novo
 Infinitamente provisório
 Incontestavelmente ilusório
 Da próxima vez
 Tentarei não enxergar mais o mundo
 Através dos olhos de alguém
 Tchau. Adeus. Outros lábios chegarão
 Refrão de orgasmos. Estribilho de espasmos
 O amor tem a memória da situação
 A paixão tem amnésia da desilusão
 O amor é meio assim, dos outros
 Meio malas prontas. Meio “check-in”
 Infinitamente provisório. (SOBRAL, 2011, p.27)

Já no poema *Na estrada*, a autora deixa extravasar o desejo feminino, rompendo assim, com as barreiras machistas e a ideia totalmente ultrapassada de que a mulher não pode sentir prazer, muito menos expressar seu prazer e seu desejo. O poema é simples, porém carregado de simbolismo e força, que traz o feminismo em seus versos e rompe com os paradigmas determinados pela sociedade patriarcal. Aqui a mulher pode o que ela quiser. Além disso, há o contato entre o rural e o urbano, onde o eu lírico afirma que não quer ter mais uma vida mediana, que experimentar a vida e sorver dela tudo que lhe for aprazível.

Quero um beijo com gosto de goiabada
 Um abraço queijo de beira de estrada

Tudo feito na fazenda, no fogão de lenha...

Quero que você me prenda no meio do mato
 Este embaraço do capim roçando na pele
 Desejo a água turva do rio que hidrata o cabelo
 Esse constrangimento de gente da cidade
 Que nunca bebe leite de vaca

Não duvide daquilo que falo
 Vou experimentar umas botas e andar a cavalo
 Quero que mediana nunca mais rime com urbana
 Nem com medíocre. (SOBRAL, 2011, p.39)

O erotismo surge como uma das formas de empoderamento feminino. O poder sobre esse corpo, que já foi vítima de abusos e hipersexualização, agora pertence à mulher. É ela quem delimita as barreiras do que pode ou não pode ser feito e de que forma ela deseja que seja feito.

Ao transgredir a proibição, a mulher investe na construção de sua identidade, pois autoconhecimento erótico leva ao conhecimento do outro e do mundo e à consciência de seu poder de transformá-lo, ou seja, ao romper com o modelo dominante da superioridade masculina, permitindo-se vivenciar sua sexualidade como uma experiência erótica, que busca o prazer e não meramente a reprodução, atuando na construção do seu próprio “eu” feminino, ela é capaz de atuar também como construtora da sociedade. (SOUZA, 2009, p.34)

Vejamos abaixo um trecho de outro poema de Sobral que retrata o erotismo desta mulher livre dos pudores sociais e culturais que aprisionaram, durante muito tempo, o prazer feminino. Textos assim são provocadores, não de opiniões mas de reflexões.

Zenzele

[...]

Sua pele junto ao meu corpo
 Numa esquina qualquer desta
 Cidade negra
 Onde todos querem ser alguém
 Nem que seja por um instante
 Zonzos

Teu corpo embriagando o meu sorriso
 Digo ou não digo?
 [...] (SOBRAL, 2011, p.110)

No Brasil, algumas letras de funk trazem esse empoderamento do corpo da mulher numa perspectiva similar a da literatura, que é a de desconstruir o discurso machista e colocar a mulher numa posição mais favorável. O corpo da mulher é dela e ela faz com ele o que bem entender. Algumas artistas como Mc Sabrina, Anitta, Ludmila, invertem os papéis das relações entre homem e mulher em suas músicas, fato que vem ganhando cada vez mais força entre o público feminino e, inclusive, se tornando objeto de estudos acadêmicos.

Este empoderamento feminino aparece com frequência nos poemas de Sobral, que retrata uma mulher consciente do seu valor e que faz suas próprias escolhas (sexuais ou não) sem dever nada a ninguém. Vejamos abaixo, dois exemplos:

Na direção do Sonho

A partir de hoje
 Ninguém poderá insinuar
 Que devo parir
 Quando devo gozar
 Escolho conduzir
 A vida que escolhi
 Conquistei meu direito de ir e vir
 [...] (SOBRAL, 2014, p.117)

Black Friday

Alguns homens sonham com meu corpo
 Entre os seus lençóis
 Desejam desesperadamente
 Consumir meu sexo
 Mas não suportariam meu banzo
 Meu clamor [...]
 Não aceito seus sorrisos
 Nem me iludo com as suas promessas

Não sou produto com desconto
 Esqueçam as ofertas
 Black Friday
 Meu corpo nunca estará em liquidação!
 Para vocês jamais venderei barato
 O que sempre custará o dobro. (SOBRAL, 214, p.63)

O imaginário sobre o corpo da mulher negra foi construído aliando sexo e trabalho. O prazer era destinado ao senhor, possuidor desse corpo, possuidor no sentido de ter a posse e ao mesmo tempo de tomar posse.

Para o filósofo Michel Foucault, somente quando obtemos domínio e consciência do nosso corpo é que adquirimos poder sobre ele. E, a partir do momento em que isto ocorre, o seu corpo absorve esse poder e se volta contra ele. Daí a importância do empoderamento.

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder [...] a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder [...] e assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado. (FOUCAULT, 1979, p.146)

Cristiane Sobral também escreve sobre a maternidade e sobre filhos. Tema muito recorrente na obra de Conceição Evaristo, em que a mulher surge capaz de gerar, parir, alimentar e criar, direito negado por muito tempo às mulheres negras escravizadas (como aponta os estudos os estudos feitos por Sonia Maria Giacomini) e fato também usurpado da literatura brasileira, em que o ato sexual envolvendo as mulheres negras só servia para dar prazer ao macho Senhor.

A existência de mães-pretas revela mais uma faceta da expropriação da senzala pela casa-grande, cujas consequências inevitáveis foram a negação da maternidade da escrava e a mortalidade de seus filhos. Para que a escrava se transformasse em mãe-preta da criança branca, foi-lhe bloqueada a possibilidade de ser mãe de seu filho preto. (GIACOMINI, 1988, p.57)

Conceição e Cristiane reivindicam o direito à maternidade de formas distintas. Sobral não gerou nem pariu. Seus filhos são frutos do amor, mas de um amor que foi cultivado fora do corpo. São filhos do coração e não do útero. E é sobre essa maternidade e sobre esses filhos que os versos de Sobral se constroem, além

de tratar a infertilidade feminina de uma forma leve e esperançosa. “Quem disse que são infelizes as mulheres inférteis?” afirma Sobral.

No poema *Caminhos*, a autora afirma que o fato de não poder “parir” a fizeram transformar-se numa outra pessoa. Mesmo sofrendo ela foi obrigada a seguir adiante para um lugar que nem ela sabe onde é. Porém, no meio do caminho ela descobriu uma “saída”. Ela não estaria mais esperando por seus filhos, mas sim os filhos estariam esperando por ela. E ela então conclui: “parir é dor, criar é produzir amor”.

Caminhos

Os filhos que eu não pari
Fizeram-me de outra forma existir
Os filhos que eu nunca pari
Fizeram-me seguir
Os filhos que não terei
Vão me levar aonde não sei

No meio do caos encontrarei a saída,
Onde outros filhos me esperam
Parir é dor
Criar é produzir amor

Com outros olhos enxergarei os caminhos abertos
Estradas surgirão nos trilhos do universo
Agradeço aos filhos que não tive...
Por eles construirei as pontes do meu sangue
A um novo coração. (SOBRAL, 2011, p.33)

No poema *Materna Idade*, a autora faz uma crítica à cobrança social e biológica sobre a maternidade. A todo o tempo, a sociedade cobra das mulheres, virgindade, casamento, maternidade, necessariamente nessa ordem. Neste poema ela faz referência a uma questão muito comum que envolve as mulheres, a infertilidade. Antes de um diagnóstico final, as inúmeras tentativas de engravidar, sem sucesso. O passar do tempo, que é mais um fator de pressão psicológica. E em meio a tudo isso, o eu lírico decreta sua necessidade de não parar no tempo, de escolher novos rumos e deixar a vida seguir. Tal posicionamento fica claro nas duas

últimas estrofes.

Materna Idade

A biologia manda parir
 A metaplasia diz que não vai ser fácil
 A psicologia dá tempo ao tempo
 Cá estou

Uma multidão de flancos
 Alguns cabelos brancos no meio das pernas
 Na fila de espera de mais um dia fértil
 Ainda sou filha do medo

Em meio ao caos dos meus ovários
 Decreto a minha maioridade
 A minha infinita capacidade
 A espontânea vontade para o que vier

Serei mãe
 Das minhas próprias ideias
 Das escolhas
 Do meu progresso
 Está bem doutor, a consulta é semana que vem
 Resolvi marcar com a minha consciência
 Ela diz que vou parir, mas não posso parar agora. (SOBRAL, 2011, p.41)

O poema abaixo é dedicado a seu primogênito, o menino cujo nome dá título ao poema. O filho, que nascera do seu coração e não do seu ventre, porém que foi muito desejado e esperado. Mesmo que ela nunca o tenha visto, nem mesmo numa ultrassonografia, ela o amava e sonhava com ele em seus braços.

Malick Jorge

O menino que eu nunca vi
 Visita os meus sonhos.
 Acalenta meus olhos fechados.

O menino que eu nunca vi

Já está dentro de mim

O menino que eu nunca vi

Cabe nos meus braços

Brinca com os anjos enquanto não é chegada a ocasião

O menino que eu nunca vi

Já tem um lugar no meu coração. (SOBRAL, 2011, p.31)

Outro poema muito interessante de Sobral rompe com uma estética refinada, tanto na escolha do tema quanto no aspecto linguístico é um pequeno conjunto de três frases, que demonstram um sentimento de rebeldia contra o sistema, dando-lhe uma resposta inteligente e sagaz. A autora brinca com o termo cesta básica, gratificação que alguns trabalhadores recebem e ainda faz referência ao famoso filme *E o vento levou*, em que a personagem principal, Scarlett O'Hara, se propõe esquecer o passado e olhar o futuro com esperança e determinação. Personagem esta construída no cenário da Guerra Civil americana, que contrasta com as expectativas sociais e comportamentais femininas em relação ao esperado na época. Atualmente, poderíamos dizer que Scarlett era empoderada. Mesmo sob muitos mimos e futilidades, a personagem enfrenta vários problemas como a guerra, a fome, a pobreza, a perda do amor, a imposição de padrões com os quais ela discorda, porém o faz com muita força e coragem. Acredito que não foi por acaso, que Scarlett veio parar nos poemas de Cristiane Sobral.

Saída

Tudo bem.

Você diminui o meu salário, eu fico com algumas horas livres e escrevo poemas incríveis para a minha sexta básica.

Jamais sentirei fome novamente! (SOBRAL, 2011, p. 121)

Numa crítica à forma como as mulheres vêm tratando seus cabelos, tema recorrente na obra de Sobral, o poema abaixo traz aspectos linguísticos muito interessantes, que abusando das rimas e aliterações, mostram a capacidade de criação e inovação da autora. A autora utiliza bem o jogo entre as palavras

(estéticas/estáticas/herméticas; irônicas/biônicas/atléticas). Assim, ela discorre sobre essa característica física tão marcante dos afrodescendentes (o cabelo), e propõe um novo olhar sobre a beleza, pois assim como nos aponta Paulo Domenech Oneto, em seu artigo *A questão da literatura engajada nas filosofias de Sartre e Deleuze*, “a literatura já não deve se empenhar em exprimir ideias bem concebidas, mas sim expressar atos coletivos de enunciação que o autor consegue extrair das representações socialmente construídas da realidade”.

Novidade na cabeça

Novas opções estéticas

Novas opções estáticas

Novas opções herméticas

Novas opções irônicas

Novas opções biônicas

Novas opções atléticas

Coloridas, crespas, lisas, cacheadas, encantadas

Cheias de vida.

Novas opções estéticas

Para refazer as cabeças. (SOBRAL, 2011, p. 83)

Aspectos feministas e temas polêmicos também são encontrados na obra da autora. O poema abaixo, além dos assuntos mencionados anteriormente, traz a tão atual e debatida discussão sobre as relações de gênero, onde os papéis de homens e mulheres são arbitrariamente e historicamente pré-definidos, e qualquer mudança na percepção desse gênero (pré-estabelecido) é percebida por alguns religiosos e conservadores como inconcebíveis.

Revolução

Greve no reino das bonecas

Abaixo a fidelidade!

Guerra à amamentação!

Desde criança os meninos brincam com seus carros

Dirigem tudo e a todos

Enquanto as bonecas nascem para enfeitar

Abaixo a futilidade!

As reuniões no clube das grávidas!

Das sogras e das professoras!

Bonecas exigem o direito aos orgasmos

E ao futebol!

Bonecas também adoram filmes e dinheiro

E quem é que cuida do mundo enquanto as bonecas se divertem?

E quem é que cuida dos filhos enquanto os rapazes se embriagam?

E quem é que aceita quando ambos pedem desculpa?

As bonecas estão realmente insatisfeitas,

Mas não cegas

Há alguma coisa errada desde o princípio...

Porque os homens são menininhos tão frágeis!

E quem é que faz promessas para parir somente homens?

E quem é que faz apostas pelo sexo mais forte?

E quem é que destina às mulheres o reino das sofredoras?

As bonecas agora reivindicam carrões

Querem passear com os garotinhos

As garotas e os rapazolas enfim buscam a paz

Finalmente saem juntos para aprender a brincar

E via a paz no reino! (SOBRAL, 2011, p.52)

Neste poema, Sobral ironiza os papéis sociais destinados a homens e mulheres e demonstra a insatisfação feminina com tais imposições. Logo na primeira estrofe, o eu lírico critica a posição passiva ocupada por muitas mulheres, enquanto o homem “dirige” suas vidas e tudo ao seu redor. Questões polêmicas como a fidelidade e a amamentação também são colocadas, de forma a gerar discussões sobre a sobrecarga moral jogada sobre as mulheres.

A partir da segunda estrofe, o feminino deste contexto busca novas opções sociais, mulheres também podem jogar futebol, mulheres também podem dirigir carrões, mulheres não precisam ficar só em casa cuidando dos filhos (que são deles também), mulheres podem gozar. A mulher deste poema está de olhos abertos e pronta para a luta. É uma mulher empoderada.

Porém, numa perspectiva apaziguadora, na última estrofe o eu lírico propõe “brincarem juntos”. Isso é uma resposta à sociedade que critica o feminismo, afirmando que as mulheres reivindicam uma inversão de valores e de papéis. O que não é verdade. O que se espera, a partir das propostas feministas, é uma divisão igualitária de tarefas, de deveres, mas, sobretudo, de direitos.

Abordar tais temas, que não se enquadram numa perspectiva tradicionalista e determinada, é ousar e demonstrar clareza de opinião e posicionamento frente à vida. Cristiane Sobral arrisca e faz de suas experiências, uma obra de arte cheia de energia e substância, rica em criatividade e polimento, portanto merece o nosso estudo, nossa atenção, nosso deleite e nossa reverência. “Brinda-se pelas páginas o ato, o ato-escrever, quando por tal atitude se unem ao pensar e ao expor, audácia, radiância, agudeza, entrega.” (PUCHEU, 2007, p. 5)

4 “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz” – o empoderamento da mulher negra na poética de Cristiane Sobral

“Por que o cabelo do negro é alto, imponente e armado? Para proteger as cabeças pensantes que ele abriga! As cabeças negras geraram, nutriram e enriqueceram esta nação com seus braços, com seus seios e com seu sexo. Dentro dessas cabeças, está o poder de lutar pela raça”

Cristiane Sobral

4.1 Afirmação identitária através do cabelo negro – os estudos de Nilma Lino Gomes

Para a pensadora, ensaísta e educadora Nilma Lino Gomes, o racismo em nossa sociedade ocorre de maneira muito particular, pois se sustenta através de sua própria negação. Para GOMES (2012 p.46) “O racismo no Brasil é alicerçado em uma grande contradição”, pois a sociedade brasileira sempre negou insistentemente sua existência e do preconceito racial, mas, no entanto, as pesquisas atestam que os negros ainda são discriminados e vivem numa situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país.

Quanto mais a sociedade, a escola e o poder público negam a lamentável existência do racismo entre nós, mais o racismo existente no Brasil vai se propagando e invadindo as mentalidades, as subjetividades e as condições sociais dos negros. O abismo social entre negros e brancos no Brasil existe de fato. (GOMES, 2012, p.47).

De acordo com a pensadora, a única saída contra o racismo é reverter, na prática, a situação de discriminação que os segmentos discriminados sofrem, mudando-os de posição, possibilitando-os ascensão social, construindo oportunidades iguais para todos, de forma que negros e brancos possam conviver com dignidade em diferentes setores e instituições da sociedade e participem

verdadeiramente de um processo democrático. Para Nilma, não basta apenas reconhecer a existência do mito da democracia racial, do racismo e dos vários preconceitos existentes, é preciso agir e essa ação precisa ser imediata

Com base em todo este processo excludente, é preciso construir uma identidade negra positiva, principalmente numa sociedade como a nossa, em que a população afrodescendente precisa negar a si própria e esconder suas raízes para ser aceita. Neste processo, a identidade é vista como uma construção social, história, cultural e plural, que implica também a construção do olhar de um grupo ou de sujeitos desse grupo sobre si mesmos. Geralmente, este processo se inicia na família e vai criando ramificações a partir das outras relações que o sujeito estabelece.

Um caminho possível, sugerido por Gomes, seria a articulação entre educação, cultura e identidade, em que a escola exerce um papel de fundamental importância, pois “o olhar lançado sobre o negro e sua cultura, na escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças, quanto pode estigmatiza-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las” (GOMES, 2003, p.172).

Na construção de sua identidade, o negro, sobretudo a mulher negra, constrói sua corporeidade por meio de um aprendizado que incorpora um movimento tenso e dialético de rejeição/aceitação, negação/afirmação do corpo. Esse saber corpóreo é acompanhado de um conflito entre padrões estéticos de beleza corporal real e um ideal. “No Brasil, esse padrão é branco, mas o real é negro e mestiço” (GOMES, 2011, p.151)

As pesquisas de Nilma Lino apontam que, no processo de construção da identidade, o corpo pode ser considerado um suporte da identidade negra e do cabelo crespo como um forte ícone identitário. Características físicas como o cabelo e a cor da pele são elementos de destaque na construção dessa identidade negra. A importância desses, sobretudo do cabelo, na maneira como o negro se vê e é visto pelo outro está presente nos diversos espaços e relações nos quais os negros se socializam e se educam: a família, as amizades, as relações afetivo-sexuais, o trabalho e a escola.

Ainda de acordo com a pesquisa realizada, existem outros espaços onde o cabelo é visto numa perspectiva de revalorização do negro, entre eles estão os salões étnicos, que se apresentam como espaços educativos não escolares, afirmativos e significativos para a construção da identidade negra no Brasil.

A pesquisadora conclui que os salões étnicos apresentam-se como espaços de tensão, ambiguidades, discussões e resistência. Revelam-se algo muito além de empresas ou lugares de “embranquecimento”. Eles são espaços da comunidade negra. As pessoas que por ali circulam e as que ali trabalham enfrentam, cotidianamente, o desafio de lidar com questões referentes à construção de uma possível identidade negra. “Nesses espaços, a identidade negra, enquanto processo, é problematizada, rejeitada, aceita, ressignificada e recriada” (GOMES, 2003, p.179).

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo, afirma Nilma. Em todo e qualquer grupo étnico, ele é tratado e manipulado, todavia, sua simbologia difere de um lugar para outro de acordo com os aspectos culturais, “Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário” (GOMES, 2011, p.174).

O livro intitulado *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra* é fruto de sua tese de doutorado, defendida em 2002 sob a orientação do Professor Doutor Kabengele Munanga. Trata-se de uma pesquisa etnográfica realizada em salões étnicos de Belo Horizonte-MG, onde relatos, entrevistas e observações se fundem a teorias e estudos de Filosofia, Antropologia e História, numa tentativa de relacionar identidade e corpo, política e estética.

O objetivo da pesquisadora é saber como as pessoas pensam a questão da estética corporal negra em um país que, apesar da miscigenação racial e cultural, ainda se apoia em um imaginário que prima por um ideal de beleza europeu e branco. “Assim, considero que, para o negro e a negra, a forma como seu corpo e cabelo são vistos por ele/ela mesmo/a e pelo outro configura um aprendizado constante sobre as relações raciais.” (GOMES, 2008, p.23). Ela acredita que nenhum padrão estético é neutro. Muitas vezes, o que é visto como uma escolha pessoal na verdade é um comportamento imposto pela sociedade, que age no indivíduo de forma velada, encoberta e muitas vezes inconsciente. Por este fato, acredito que é extremamente importante a mulher negra conhecer sua história, estar segura de quem é e o que representa na sociedade para saber exatamente o que fazer com seu corpo e seu cabelo. O uso que a mulher negra faz deste elemento de comunicação e simbolismo, que é o cabelo, deve ser conscientemente pensado.

Nilma Lino vê o cabelo como um signo, uma forma de linguagem que comunica sobre a forma de se entender as relações raciais. Assim como o mito da

democracia racial é discursado como forma de encobrir os conflitos raciais, o estilo do cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito podem camuflar o pertencimento étnico-racial, mas pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. Volto a frisar, é preciso estudo, conhecimento e reconhecimento.

Para a pesquisadora, a construção de identidades no Brasil passa por um processo complexo, tenso e ambíguo, na perspectiva em que, desde a escravidão, o racismo assume formas explícitas e sutis de percepção da sociedade miscigenada. E é neste processo onde o corpo se destaca como veículo de expressão e de resistência sociocultural, mas também de opressão e negação, que o cabelo se apresenta como um ícone identitário, pois traz recriações de penteados africanos, passando por uma estilização própria do negro no Novo Mundo. Corpo e cabelo juntos ultrapassam os aspectos biológicos e se tornam construção social, cultural, política e ideológica.

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom”, expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (GOMES, 2008, p.21)

Nilma Lino entende a construção da identidade como um movimento que se dá não somente a partir do olhar do negro sobre si, mas também da relação com o olhar do outro sobre ele. A identidade não se dá no isolamento, mas na relação, na interação e no que se constrói a partir desse conflito. “Pertencer ou não a um segmento étnico-racial faz muita diferença nas relações”. (GOMES, 2008, p.187)

O cabelo crespo, objeto de constante insatisfação, principalmente das mulheres, pode ser considerado, nos espaços pesquisados, como uma revalorização da identidade. Essa revalorização extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico-racial a que se pertence, e isso, de forma consciente ou não, o remete a uma ancestralidade africana recriada no Brasil, afirma GOMES, 2008, p.22.

O uso das tranças, por exemplo, muito mencionado nas entrevistas realizadas pela pesquisadora, é uma técnica corporal que acompanha o negro desde a África, porém, também alterados no tempo e no espaço da diáspora. Muitas mulheres relataram não gostar deste tipo de manipulação quando eram crianças,

pois doía muito o ato de puxar e trançar o cabelo. As pesquisas mostram também, que este tipo de penteado era mais usado nas meninas, quando crianças, em fase escolar. A escola, tradicionalmente elitista, exigia que qualquer criança, especialmente as negras fossem “arrumadas” para a escola. Qualquer negra entende o termo “arrumadas”, como ter o cabelo preso e “domado”, ou até mesmo alisado. Manter o cabelo trançado, porém, não livra a menina negra dos apelidos preconceituosos relacionados ao seu cabelo. “Esses apelidos recebidos na escola marcam a história de vida dos negros. São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo” (GOMES, 2008, p.187).

Recentemente, foi veiculado na mídia e na internet o caso de uma escola que solicitou à mãe de dois filhos negros, com cabelo crespo, “aparar” ou “trançar” o cabelo das crianças para que pudessem continuar frequentando as aulas. No bilhete, a professora dos irmãos dizia que ficaria mais feliz com o cabelo deles mais “baixos” ou “presos”.

Espaços como a escola possibilitam, muitas vezes, a primeira relação “interétnica” do indivíduo, a possibilidade de comparações, de contato com outros estilos de vida e práticas culturais, que para muitas crianças se contrastam com a maneira pela qual ela é vista no seio familiar. Isso vai interferir diretamente na forma como ela vai construir sua autoimagem. Em muitos casos é a relação familiar e a forma como a criança tem seu cabelo cuidado pela mãe que vai colaborar para uma auto representação positiva e uma forma saudável de lidar com o cabelo na vida adulta, aponta Nilma.

Para o movimento negro, o alisamento é visto como uma violência simbólica cometida pela sociedade contra os negros, principalmente contra a mulher negra. Historicamente, diversas situações sociais exigiam que a mulher alisasse o cabelo para “branquear” seu corpo, ou seja, mascarar sua negritude e ser aceita socialmente. Porém, a autora nos diz que é importante analisar os fatos de uma forma não passional e sem julgamento moral. A mulher deve ter liberdade de se posicionar livremente sobre a escolha do seu penteado.

Assim, julgar que por ser negra uma pessoa só possa adotar penteados e estilos de cabelo pautados em padrões estéticos socialmente considerados “afros” revela inflexibilidade, intolerância e a negação do direito à escolha. Além disso, demonstra uma leitura linear sobre o processo de construção da identidade negra numa sociedade complexa marcada, entre outras coisas, por intensa heterogeneidade estética. (GOMES, 2008, p.178)

A pesquisa mostra situações em que é possível interpretar o alisamento feito por algumas mulheres negras como um descontentamento com sua própria aparência, também como um comportamento resultante da introjeção da opressão branca, mas, por outro lado, essa postura pode ser vista como um estilo, uma forma do negro usar seu cabelo, construído dentro de um sistema opressor sim, porém com características que são próprias da comunidade negra. A autora relata um fato curioso, em que uma amiga, ativista negra, iria fazer uma viagem a Angola. Ela e suas parceiras de viagem passaram horas nos salões étnicos fazendo tranças e penteados elaborados para se apresentarem “eticamente corretas” perante as africanas. Mas, ao chegarem lá, ficaram chocadas ao se depararem com as angolanas todas de cabelos alisados, algumas com o cabelo até frágil de tanta química. As angolanas definiram os cabelos trançados das negras brasileiras como sendo “penteados americanos”. Nilma nos conta este caso para demonstrar que nenhum padrão estético é fixo e puro. Para ela, uma coisa é problematizar esse comportamento no contexto da sociedade racista em que vivemos, e outra é descontextualizá-lo, não se abrindo ao diálogo para tentar compreendê-lo e interpretá-lo. E o que ela julga mais grave, “produzir um discurso e um julgamento que atribuem aos sujeitos que alisam o cabelo o lugar do embranquecimento e da negação da raça” (GOMES, 2008, p.180).

Cortar o cabelo, alisar o cabelo, raspar o cabelo, mudar o cabelo pode significar não só uma mudança de estado dentro de um grupo, mas também a maneira como as pessoas se veem e são vistas pelo outro, um estilo político, de moda e de vida. Em suma, o cabelo é um veículo capaz de transmitir diferentes mensagens, por isso possibilita as mais diferentes leituras e interpretações. (GOMES, 2008, p.192)

Além da cor da pele, os demais sinais acentuados do negro ajudam a compor a lógica de classificação racial presente no mundo do trabalho. Mesmo atualmente, em que denúncias realizadas por diversos segmentos fizeram a exigência da “boa aparência” sumir dos anúncios de empregos, o mercado de trabalho ainda encontra formas sutis de discriminação. A exigência de um padrão estético, no que se refere ao cabelo é uma delas. “É na recriação cultural que os sujeitos negros, expostos às situações de exploração econômica, encontram forças para reelaborar sua vida e atribuem significados novos às suas expressões culturais” (GOMES, 2008, p.184).

Nilma relata que, em sua pesquisa, os entrevistados emitiam opiniões difusas a respeito da relação do negro com o cabelo. Alguns discursos eram confusos. “É possível que essa ebulição de sentimentos e emoções tenham trazido à tona, ao nível da consciência, aquilo que está submerso na esfera do inconsciente e, por isso mesmo, não é tão fácil ser dito”, afirma GOMES (2008, p. 191). Ainda segundo a autora, a maneira como o negro se vê em sua subjetividade se dá dentro de um contexto social e político, e é esse contexto que vai ajudar a compor a sua identidade negra.

Homens e mulheres negras de diversas partes do mundo a constroem de formas variadas, embora tragam consigo algo que os une: um pertencimento racial, oriundo de uma ancestralidade africana, cuja maneira de lidar com o cabelo é uma forte expressão da cultura. (GOMES, 2008, p.191)

Uma preocupação pertinente, levantada na pesquisa, é que, na sociedade contemporânea, os estilos políticos abordados no cabelo negro sofrem não só uma releitura, mas também um esvaziamento, quando muitas vezes são interpretados como simples “penteados”. Isso gera um público, que mesmo utilizando tal penteado ou alguma intervenção estética, o faz sem que esteja vinculado a um grupo ou organização política em prol da negritude. Além disso, alerta, nem sempre esses sujeitos adotam tal comportamento com um sentido consciente de denúncia ao racismo. Algumas pessoas utilizam o cabelo no estilo “afro” por puro estilo de vida ou praticidade, sem que ele seja, de fato, expressão de uma ideologia política ou marca cultural e de identidade.

A passagem desse chamado estilo de vida para um estilo político abre uma gama de possibilidades para o entendimento das expressões estéticas negras da atualidade. Assim, tornam-se o eixo de uma construção social e cultural da questão racial dentro de uma sociedade que, cada vez mais, privilegia as individualidades e a “autoexpressão”, que muitas vezes se tornam uma versão estilizada de si mesmo.

Essa passagem também revela o processo de recriação que certas práticas culturais assumem num contexto de encontro com diferentes culturas sob o crivo da dominação e os efeitos desse encontro sobre os sujeitos que o vivenciam (GOMES, 2008, p.202).

Assim, de acordo com a pesquisa, os salões étnicos, ao produzir penteados pertencentes aos mais diversos estilos de cabelo do negro e vender os chamados produtos étnicos, encontram-se localizados no interior da cultura de consumo. Eles participam dos efeitos da indústria cultural ao mesmo tempo em que cumprem a função de continuidade de elementos culturais africanos ressignificados no Brasil, por meio da valorização dos penteados, dos símbolos, do corpo e da beleza negra.

Nilma, a partir de estudos feitos de Kabengele Munanga, chega à conclusão de que a manipulação do cabelo realizada por mulheres e homens negros pode ser vista como uma forma artística de afirmar sua condição humana.

Na África, alguns povos manipulam seu corpos de diferentes maneiras a fim de se destacarem dos demais. O cabelo, parte mais moldável do corpo humano, segue também esta tendência, de se adornar de forma a sobressair perante a sociedade. Nilma destaca aqui a relevância dos adornos e dos utensílios utilizados, como os pentes específicos para ouriçar o cabelo crespo, que, atualmente, são estilizados e personalizados. E comenta que ela mesma passou a repensar seu cabelo após este estudo. Pois muitas vezes, possuímos um discurso imbuído de julgamentos tendenciosos e racistas quando se trata do cabelo crespo. A autora afirma que, é preciso urgentemente construir um contra-discurso pautado na educação e na informação sobre a estética negra, o corpo, o cabelo e construir imagens positivas a partir dessas experiências.

A construção de identidade negra positiva passa pela questão da autoestima. E para que o sujeito possua uma verdadeira autoestima é preciso que ele se perceba belo. Porém, não se fala aqui dos padrões de beleza impostos pela sociedade. Mas uma beleza construída levando em conta aspectos culturais e hereditários.

A associação de beleza à estética do corpo é algo que acompanha a história humana. E para que seja possível entender a relação entre estética, corpo negro e cabelo crespo, se faz necessário um estudo antropológico dos sentidos e da sensibilidade. Mas essa construção da sensibilidade varia de acordo com os aspectos culturais, aponta GOMES 2008, p. 277. Nem sempre o que se pensa sobre si e sobre o outro é claramente declarado.

O cabelo crespo original, que é transformado no interior dos salões, quando somado à cor da pele e aos outros sinais diacríticos, compõe a totalidade do corpo negro. Esse mesmo corpo tem sido indesejado por negros e brancos brasileiros nas mais diversas situações. Dessa forma, o apelo à beleza negra inspira atenção, pois não somente pode promover a autoestima, mas pode falar de corpo segregado que, por vezes, tomam o corpo do outro como ideal. Mas, ao adjetivar a beleza como negra, os salões também destacam e ajudam a legitimar, das mais diversas maneiras, um padrão estético de raízes africanas, ressignificado na experiência brasileira. (GOMES, 2008, p. 279)

Ainda de acordo com a pesquisa, a experiência adquirida no interior dos salões étnicos colabora para uma construção coletiva da noção de beleza. Portanto, a beleza é uma construção social, oriunda da maneira pela qual nos relacionamos com o mundo, não tendo relação nenhuma com medidas, proporções, tonalidades e arranjos. “A beleza negra no universo dos salões possui um sentido não só semântico, mas político, cultural, racial e identitário.” (GOMES, 2008, p. 281).

A autora afirma que a beleza produzida no contexto dos salões estudados é um feito cultural seja pelos penteados elaborados, pelo simples relaxamento ou pelo corte afro realizado nos clientes. Uma beleza que se desdobra na diáspora, que não conseguiu ser apagada pelo processo da escravidão. Beleza que sempre foi cultuada e perpetuada pelos povos africanos. Hoje os salões são espaços onde tradição e costumes são ressignificados, reconstruídos e valorizados, espaços que nos remetem à ascendência africana, onde “o corpo e a manipulação do cabelo são depósitos da memória” (GOMES, 2008, p.321).

A pesquisa revela também que não é só por mera vaidade ou por não se sentirem satisfeitos com a sua aparência que negros e negras dão tanta importância ao cabelo. “Para o homem e a mulher negra, manipular o cabelo representa uma entre as múltiplas formas de expressão da corporeidade e da cultura, as quais remetem a uma raiz ancestral” (GOMES, 2008, p.322).

A manipulação do cabelo do negro e da negra vista como uma continuidade e recriação de elementos culturais africanos, depara-se com diferentes contextos históricos, políticos e culturais vividos pelos afrodescendentes. No caso do Brasil, muito já foi dito neste livro sobre a especificidade das relações raciais aqui desenvolvidas e de como tal situação interfere na construção da identidade de negros, mestiços e brancos. Os salões étnicos são, portanto, espaços comerciais, sociais e culturais que expressam parte significativa da riqueza e da tensão impregnadas nesse processo. (GOMES, 2008, p. 323)

A partir da conclusão da pesquisa de Nilma Lino, podemos fazer algumas considerações importantes sobre a construção da identidade negra e da autoestima. Entre elas, a questão de que, para alterar a autoimagem do negro, é preciso mudar a sociedade e as relações raciais que a permeiam. Somente uma mudança individual não daria conta de resolver todas as questões envolvendo o racismo e o preconceito.

Outro ponto relevante é a visão que se construiu dos salões étnicos como espaços de liberdade, onde o negro cria e recria uma estética que lhe é própria. Estes são espaços de resistência uma vez que estão localizados nos centros urbanos de uma sociedade racista, mas que abordam a diferença como algo a ser valorizado.

A partir da pesquisa, foi possível constatar também que, para entender a relação do sujeito negro com a sociedade, é preciso antes de tudo perceber a relação que este mesmo sujeito tem consigo mesmo, com seu corpo, interna e externamente. A forma como o sujeito se apresenta socialmente pode ser um reflexo de como ele se vê no contexto social. Os profissionais que trabalham com a valorização da beleza negra realizam um trabalho de ruptura política e cultural, libertando o negro e a negra de uma história de opressão e apagamento.

4.2 O mercado consumidor do cabelo Afro

A mulher negra, para ser aceita na sociedade, sempre precisou esconder a natureza de seu cabelo, ora com lenços para encobri-los, ora com equipamentos e produtos para alisa-lo. A pesquisadora Neusa Santos, tenta explicar as razões dessa necessidade de “embranquecimento” da população negra:

Tendo que livrar-se da concepção tradicionalista que o definia econômica, política e socialmente como inferior e submisso, e não possuindo uma outra concepção positiva de si mesmo, viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade, ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social. [...](SOUZA, 1990, p.19 in GOMES, 2008, p.149)

Os instrumentos e produtos utilizados para alisar ou “domar” o cabelo crespo muitas vezes causam feridas no couro cabelo e podem deixar marcas profundas na vida dessa mulher. O alisamento modifica seu corpo, sua natureza e

sua origem. Porém, a maioria das mulheres o faz para ser aceita na sociedade, para ter o direito de frequentar os mesmos espaços das mulheres brancas. Sobral também retrata essa violência, que além de física também é simbólica em alguns de seus poemas. Para exemplificar, selecionamos o poema *Refazendo a cabeça*, no qual há uma crítica aos alisamentos e uma esperança no fato da mulher aceitar suas raízes.

Refazendo a cabeça

A negra segura a cabeça com a mão e chora
 Chora, sentindo a falta dos seus universos crespos
 Assassinados
 Pelas escovas progressivas
 Digo, escolhas regressivas.
 Após o pesadelo,
 A negra raspa qualquer vestígio de lisura
 E encontra consolo no futuro das suas raízes. (Sobral, 2011, p.114)

Sobral compara o alisamento a um “assassinato” dos cabelos crespos, ou seja, a morte das raízes africanas. O que não deixa de ser verdade, pois tais alisamentos modificam a estrutura capilar da pessoa, e mesmo após meses sem a utilização da química, o cabelo ainda não nasce com as características originais. Tal violência cometida pelas “escovas progressivas” é mostrada no poema como “escolhas regressivas”, ou seja, algo regressivo, que regride, que retoma o passado e interfere nele.

Atualmente, estamos vivendo um momento muito forte de aceitação dos cabelos crespos. Muitas meninas/mulheres estão deixando as químicas de lado e exibindo suas madeixas crespas com muito orgulho. Porém, há um logo caminho a percorrer até que seus cabelos fiquem “naturais” novamente. Muitas fazem o que chamamos de *BC*, ou seja, o *Grande Corte*, termo traduzido do inglês *Big Chop*, que consiste em cortar todo o cabelo danificado pela química, algumas mais radicais chegam a raspar a cabeça, fato mencionado por Sobral no fim do poema acima “Após o pesadelo, a negra raspa qualquer vestígio de lisura e encontra consolo no futuro das suas raízes”.

Mesmo o estudo se pautando na análise da obra poética, acredito ser pertinente trazer o conto *Pixaim* de Cristiane Sobral, uma vez que, além de inspiração para esta pesquisa, ele retrata bem o fato da violência do alisamento. Vejamos um trecho:

Minha mãe decidiu que o meu pixainho tinha que crescer e aparecer. Lembro do pente quente que se usava na época, para fazer o crespo ficar “bom”, e da marca do pente quente que tatuou meu ombro esquerdo, por resistir àquela imposta transformação. [...]O henê era um creme preto muito usado pelas negras no subúrbio do Rio de Janeiro, que alisava e tingia os crespos. A propaganda da embalagem mostrava uma foto de uma mulher negra sorridente com as melenas lisas. Só que o efeito do produto não era eterno, logo que crescesse um cabelinho novo, era necessário reaplicar o creme, dormir com bobies, fazer touca, e outras ações destinadas a converter o cabelo “ruim”, em “bom”. O produto era passado na cabeça bem quente e mole, mas quando esfriava endurecia. Uma hora depois, a cabeça era lavada com água fria em abundância até a sua total eliminação. Jamais esquecerei a minha primeira sessão de tortura. Era um bonito dia de sol e céu azuladíssimo. Eu brincava no quintal distraída quando ouvi o chamado grave de minha mãe, já com a panela quente nas mãos, e pensei com pavor na foto da mulher com cabelo alisado. Nesse momento tive a certeza de que mamãe queria me embranquecer! Era a tentativa de extinção do meu valor! Chorei, tentei fugir e fui capturada e premiada com chibatadas de vara de marmelo nos braços. Fim da tentativa inútil de libertação. Sentei e deixei o henê escorrer pelo pescoço enquanto gelava por dentro, até sentir a lâmina fria da água gelada do tanque de concreto penetrando em meu couro cabeludo. Depois, já era tarde, minha mãe encheu minha cabeça de bobies. Segui inerte. Chorei insone aprisionada pelos bobies amarrados na cabeça, sentindo uma imensa dor e o latejar dos grampos apertados. (SOBRAL, 2011, p.21)

A preocupação em se adequar aos padrões é real, pois, se uma mulher não se enquadra nos moldes determinados pela sociedade branca dominante, pode ter dificuldades de arrumar um emprego, um parceiro ou parceira, ser aceita na escola, na vizinhança e, muitas vezes, dentro da própria família.

Vários movimentos de luta e resistência se voltaram para essa questão do cabelo afro, porém, nos últimos anos, esta luta tem se destacado positivamente. São muitos os exemplos de mulheres que se rebelaram contra o padrão imposto pela sociedade e assumiram seu *black*. Mulheres que aboliram de vez qualquer forma de agressão química aos seus cabelos e os têm usado de forma natural, reforçando assim sua origem étnica e sua identidade africana.

Na presente situação, a filiação identitária é tudo menos instantânea ou dada em definitivo; ela é, isto sim, um problema, uma reivindicação, um objeto de apropriação dos indivíduos. Meio de construir-se e dizer o que se é, maneira de afirmar-se e fazer-se reconhecer, a filiação comunitária vem acompanhada de autodefinição e autoquestionamento. (LIPOVETSKY, 2004, p.95)

Não uma identidade imposta, mas uma identidade no sentido de identificação e de pertencimento. “Reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência” (GOMES 2012, p.42)

Estabeleceu-se que ter uma identidade equivalia a ser parte de uma nação, uma entidade espacialmente delimitada, onde tudo aquilo compartilhado pelos que a habitam – língua, objetos, costumes – os diferenciaria dos demais de forma nítida. (CANCLINI, 1995, p.121)

O corpo se tornou ao longo da história um emblema étnico, manipulado de formas distintas entre os diferentes povos e suas culturas. Também é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes aponta Gomes (2011). O corpo é uma linguagem e o cabelo, como uma de suas partes, é utilizado como veículo de comunicação. Através do cabelo, mulheres e homens negros assumem um papel político e estético e se posicionam dentro da sociedade.

Através da aceitação do cabelo natural/original, propõe-se uma revisão dos padrões e conceitos estabelecidos pela sociedade racista, colocando os negros em posição de igualdade com brancos, reconstruindo o que há de mais profundo no ser humano, a sua autoestima.

Esse processo de desconstrução da supremacia branca na sociedade brasileira passa necessariamente pela construção da representação positiva dos símbolos da cultura negra, afirmação identitária, consumo, e também na produção de usos e sentidos que lhe dão forma social nas quais se inscrevem disposições provenientes de várias competências culturais, incluso aí, a mercantilização inscrita na modernidade. (ALMEIDA, 2011, p.5)

Porém, em contrapartida a todo lado político, ideológico e identitário pelos quais vem passado o cabelo black, existe uma indústria midiática, mercadológica, comercial e oportunista que utiliza tal posicionamento em benefício próprio. Atualmente, já não se sabe se quem assume seu cabelo crespo natural o faz por moda ou por identificação. Até mulheres e homens brancos estão encrespando seus cabelos e turbantando suas cabeças. Será identificação, pertencimento, ou simplesmente moda? Este é um dos desafios da modernidade, identificar o que é original e legítimo dentro dos discursos sociais sejam eles literários ou não.

Cabe aqui destacar o surgimento de um mercado transatlântico para a cultura pop negra. Esse mercado surge em conexão com “plateias brancas” e tem participação importante na construção de uma estética negra e, mais do que isso, na retradução dessa estética como referência positiva, na medida em que se confere a chancela de *cool*, àquilo que é conhecido como traço expressivo de uma moda *black*, seja no âmbito da estilização dos cabelos, seja na combinação das roupas, etc. (Gilroy, 1995 apud COSTA, 2006, p.116)

Até bem pouco tempo atrás, não existiam produtos específicos para a mulher negra, nem para o tratamento da pele nem para o cabelo. Com o advento da força dos movimentos sociais negros, com a aceitação de suas características físicas e biológicas e, principalmente, com a melhoria de sua condição econômica, homens e mulheres afrodescendentes vêm encontrando no mercado produtos essencialmente destinados a eles. O mercado de produtos para o cabelo afro e de maquiagens para peles negras, em seus diversos tons, vem ganhando força, espaço e destaque entre este segmento da população.

O surgimento de um crescente mercado étnico estimulado pela indústria cultural altera a configuração atual de identidade. Esse processo pode dispersar e alterar as formas de resistência dos negros, alerta Gomes (2008), podem produzir um sentimento de despersonalização e de não identificação, impossibilitando assim a construção de um “eu” ligado às questões étnicas de um grupo, uma ancestralidade ou genealogia. Isso se torna perigoso, na medida em que possibilita a introjeção de novos preconceitos e a produção de um desconhecimento político e cultural das novas gerações.

Estamos diante de um quadro que, ao mesmo tempo em que os negros e as negras tendem a consumir produtos específicos que apelam para a sua identidade étnico-racial, eles/elas também participam de uma sociedade que estimula imagens difusas, ambíguas e mestiças, manipulando o jogo das diferenças e a alteridade. Assim, o discurso liberal atinge a estética negra, manipulando-a ideologicamente, criando a ilusão de que é possível adotar um estilo de cabelo próprio, autêntico e livre do peso de uma leitura política de mão única. (GOMES, 2008, p. 203)

É preciso ter cuidado para não fragmentar ou dissolver o sentido político da estética e do cabelo negro. O que se percebe é um comportamento isolado, individual, em detrimento à construção de identidade étnica, de preservação de um grupo étnico-racial. Isso se dá quando o sujeito se deixa levar pela sociedade de consumo.

O mundo dos cosméticos sempre investiu em produtos para as mulheres brancas, os quais se estendiam para outros tipos de segmentos étnico-raciais, desde cremes faciais, batons, *shampoos*, redutores de cachos até as cores de meia-calça. Seguiam a premissa de que se era bom para as mulheres brancas seria bom para as mulheres de outros segmentos. Com isso, o surgimento dos produtos étnicos no Brasil pode ser visto como uma estratégia anti-racismo, afirma Gomes.

Numa sociedade em que as mulheres negras sempre encontraram problemas para tratar da beleza e conseguir vencer numa competição acirrada estabelecida pelo mercado, e a ausência de produtos voltados para a pele negra e o cabelo negro impunham sérias dificuldades no trato estético, o desenvolvimento desse mercado de produtos étnicos pode ser visto como ganho e como direito conquistado. Porém, é ingênuo quem acredita que por trás de toda essa oferta, de toda a propaganda que promete o cabelo dos sonhos, não está a máfia do sistema capitalista. Contudo, Nilma pondera que a beleza e a plasticidade das fotos presentes nos anúncios das revistas retratam o negro fora do lugar de marginalidade, de opressão e pobreza. Aqui, eles ocupam lugares de prestígio, tanto espaço físico quanto social e cultural.

Mesmo que alguns negros e negras se deixem seduzir por essa imagens, o quadro de desigualdades sociais e raciais no qual a população negra está inserida não é nada romântico. A produção de imagens positivas do negro em revistas destinadas especificamente a esse público revela a construção de um outro olhar do negro sobre si mesmo e pode influenciar de diversas maneiras na construção da autoimagem do leitor e da leitora negra. (GOMES, 2008, p.207)

Atualmente, temos vários produtos naturais, isto é, sem química, destinados ao tratamento do cabelo afro. Em alguns estabelecimentos, inclusive, há setores separados com especialidades para este tipo de cabelo. Há muitos acessórios, muitos penteados e vídeos ensinando como deixar o seu cabelo natural cada vez mais bonito.

Dentro dos produtos sem químicas, temos ainda a linha *vegana*, são produtos livres de substâncias, que segundo estudos, agridem o cabelo crespo e portanto devem ser abolidos de suas composições. Portanto, dentro de um novo segmento de produtos para cabelos crespos, temos os produtos chamados *liberados*, ou seja, sem essas tais substâncias (sulfato, petrolato, parafina, silicone...) e os outros produtos *não liberados* (que ainda possuem tais elementos

em sua composição). As pessoas que optam pelos produtos liberados seguem, basicamente, duas linhas de tratamento capital, o *no poo* e *low poo*. Na técnica do *no poo*, não se utiliza shampoo, mas sim um condicionador limpante, já no *low poo*, o uso do shampoo é permitido desde que este esteja no hall dos liberados.

Enfim, a segmentação é enorme e, assim, a indústria dos cosméticos se enriquece em variedades de produtos para os cabelos das negras e dos negros, no Brasil e no mundo.

A política nacional recente abre espaço para a entrada do consumidor negro e pardo no mercado, como representantes da Classe C. O Governo Dilma Roussef deu status de classe a pessoas de cor, através do consumo. O mercado de cosméticos, que representou em 2009 USD 18,2 bilhões em faturamento para o Brasil, colocando o país em terceiro lugar em consumo mundial de cosméticos no fluxo produtivo, abriu as portas para a emergência do consumidor negro, que representa 60% desse mercado, 28 Referência a mestiçagem nacional. 80 ofertando nesse caso status de cor através da beleza, e de classe através dos *habitus*² de consumo, para esses indivíduos. (CRUZ, 2013, p.79/80)

Se pararmos para pensar que esta população negra, descendentes de escravos, não possuía nem mesmo o direito de circular pelos grandes centros, muito menos de frequentar lugares comuns à população branca, e hoje é um público consumidor forte, disputado pelas grandes marcas, teremos a ilusão de que o mundo mudou e agora todos têm direitos iguais, todos são consumidores e participantes atuantes do cenário econômico social brasileiro. Ledo engano. Ao contrário disso, tornamo-nos um alvo fácil de dominação mercadológica e acometidos pela doença do consumismo. “Por isso, se os indivíduos são mais livres em sua vida privada, são também mais dependentes do mercado para a satisfação de seus desejos.” (LIPOVETSKY, 2011, p. 58).

Filho (1996)³ compreendeu que o consumo e as mídias de massa alienam os negros em relação ao que deveria ser a sua condição de existência: a luta antirracista. O autor denomina de afromídia, revistas especializadas no segmento negro brasileiro, e considera que tais veículos priorizam e estimulam o consumo de produtos de beleza entre os negros e criam a ilusão de que o negro lindo é aceito socialmente. Ele diz que a afromídia só vem reforçar a ideia de que os negros precisam consumir produtos para o corpo visando elevar a autoestima. (CRUZ, 2013, p.106)

² Habitus é um conceito de Pierre Bourdieu que diz respeito a um conjunto de disposições profundamente incorporadas, nem sempre conscientes e objetivas que formam involuntariamente os indivíduos e se expressa nos modos do comportamento e do pensamento, desde o olhar aos mínimos gestos do corpo, do andar às opiniões e preferências de gosto estético. (LEÃO, 2009, p.306)

³ FILHO, Antônio Jonas Dias, comentários sobre a revista Raça. Cadernos Pagu (6-7)1996.

Para Canclíni (1995) o consumo não deveria ser visto somente como uma posse de objetos isolados, mas também como “apropriação coletiva” destes. Ele considera que os direitos de cidadania estão sendo trocados pelos direitos de consumo, ou ainda, que as pessoas passam a exercer seus direitos de cidadania no consumo, fazendo exigências ao mercado e não às questões de ordem política. O consumo se configura como uma dimensão da cidadania, à medida que as reivindicações de direitos atrelados a uma cidadania cada dia mais fragmentada ganha força através do consumo. Ora, se a população negra consome, adquire o *status* de cidadã. Consumir também é uma forma de poder.

As mulheres negras passaram a liderar o ranking do consumo de produtos de beleza afro até porque este era antes um espaço negado a elas. Entre vários cremes de hidratação, *shampoos*, definidores de cachos, estão as maquiagens específicas para a pele negra e os adornos de origem africana, como tranças e apliques, turbantes, faixas e outros artigos para enfeitar suas cabeças.

O cabelo crespo, que era objeto de constante insatisfação, principalmente das mulheres, pode ser considerado, nestes salões étnicos, como uma revalorização de sua herança cultural africana. Essa revalorização extrapola o indivíduo e atinge o grupo étnico-racial a que se pertence e isso, de forma consciente ou não, remete a uma ancestralidade africana recriada no Brasil. “A maneira como se lida com o cabelo é uma questão cultural”, afirma (GOMES, 2008, p.22).

Situação esta que não ocorre nos salões chamados Beleza Natural, que, de acordo com Cruz (2013), são espaços de transformação e não de aceitação. Para a pesquisadora, enquanto os salões étnicos são lugares de construção de identidade e reafirmação da ancestralidade africana, os salões Beleza Negra constroem uma beleza “moderna”, reconstruída na diáspora, que assume características mestiças e não somente negras, “O “espelho” do salão étnico reflete uma luta constante contra o racismo e o “espelho” do BN reflete uma luta pela inclusão e mobilidade social, através de uma posição estética peculiar das sociedades ocidentais” (CRUZ, 2013, p.76).

Os salões étnicos têm claramente definido o público negro como seu público alvo, e buscam conquistar sua clientela através de um discurso que comungue identidade étnica, beleza negra e solidariedade. Embora sistematizem o discurso racial no seu interior, não sistematizam o cliente negro como um consumidor voraz de produtos de beleza na sociedade capitalista moderna, a qual o Brasil está inserido, e que passa constante

transformação. Estabeleceram-se no mercado como empresas, mas têm características atípicas em relação ao mercado da aparência. Prova disso está no baixo impacto econômico que eles têm no mercado se comparado ao número de clientes do Beleza Natural. (CRUZ, 2013, p.79)

Os salões Beleza Natural utilizam um produto de criação própria, que promete “soltar” os cachos ou desencrespar o cabelo, dando-lhe “balanço” e “leveza”, assim, seu objetivo principal é a venda e divulgação deste produto. Ao fazer uso da aplicação da química relaxante no cabelo, é assumido o compromisso de manter este tratamento em casa, com a compra dos produtos, um pacto comercial que consegue grande sucesso pelo preço, tamanho e eficácia dos produtos que o Instituto produz, afirma Cruz.

O processo de cacheamento artificial do cabelo altera a textura do mesmo, e é exatamente essa textura um dos fatores que identifica o negro do Brasil. Surge aí a polêmica entre ambos os tipos de tratamento dado ao cabelo negro e, é daí também, que, afirmam alguns, pode estar surgindo a “ditadura do cabelo afro”, mas isso é uma questão a abordarmos em outro momento.

A utilização do cabelo cacheado através do uso de produtos químicos pode revelar uma arena de debates acerca da legitimidade da representação sobre a negritude. O que para a clientela dos salões étnicos pode ser visto como negação da raça, para as mulheres clientes do BN, esse processo entrelaça inserção social, afirmação de traços mestiços e autoestima. O cabelo crespo, como utilizado nos salões étnicos possui status de ancestralidade e coloca sua clientela no lugar da preservação e do resgate de uma tradição. O BN oferece autoestima para práticas cotidianas como “arrumar” emprego ou namorado. As clientes do BN dialogam com o discurso promovido pelo salão, de elevação da autoestima da mulher que o frequenta. Apenas as clientes mais escolarizadas refletem sobre a importância do cabelo crespo para a concepção de negritude e identidade étnica no Brasil. (CRUZ, 2013, p.76)

O que gostaríamos de deixar claro neste estudo é que homens e mulheres negras não são mais obrigados a se enquadrarem num modelo pré-estabelecido. Eles devem se sentir livres para apresentar seus corpos e seus cabelos da forma como quiserem. Assim também, para consumir o que lhes for desejado. Liberdade é a palavra de ordem, está na pauta do dia. E é essa liberdade que a autora Cristiane Sobral retrata em alguns de seus textos. São escritos que enaltecem a beleza natural, principalmente das mulheres negras e afirmam o pleno domínio de seu corpo, sem que haja nenhum tipo de imposição ou padrões a serem seguidos. Nos textos de Sobral a mulher é consciente e responsável por seus

desejos e suas escolhas, o que favorece o *empoderamento* dessa mulher. Empoderar-se é tornar-se dona de si, é ser livre.

4.3 O cabelo nos poemas de Cristiane Sobral – identidade e empoderamento

Como já dissemos, o empoderamento da mulher negra se caracteriza pela tomada de consciência de sua beleza estética, de seu valor perante a sociedade, pelo domínio de seu corpo e suas escolhas. E este empoderamento pode ser fomentado por diversos campos, seja pela mídia, pelos movimentos sociais, pelos salões de beleza, mas, sobretudo, pela literatura.

Com relação a identidade, pensamos aqui numa identidade em movimento, construída na relação diaspórica, levando em consideração rastros culturais ancestrais e aspectos da cultura contemporânea, onde está inserido este indivíduo. Assim, a identidade é fluida, porém consistente.

A literatura não é tão somente o reflexo de uma sociedade, ela também pode fazer-se refletir nela. E é nesta perspectiva que podemos ressaltar a relevância das poesias de Cristiane Sobral, pois elas questionam os padrões estéticos pré-estabelecidos, levam as mulheres a refletirem sobre sua condição e sua vida e propõem novas possibilidades a partir do reconhecimento de sua cultura e sua identidade. Vejamos como a autora aborda tais questões:

Retina Negra

Sou preta fujona
 Recuso diariamente o espelho
 Que tenta me massacrar por dentro
 Que tenta me iludir com mentiras brancas
 Que tenta me descolorir com os seus feixes de luz

Sou preta fujona
 Preparada para enfrentar o sistema
 Empino o black sem problema
 Invado a cena

Sou preta fujona

Defendo um escurecimento necessário
 Tiro qualquer racista do armário
 Enfio o pé na porta
 E entro. (SOBRAL, 2014, p.20)

Neste poema, o eu lírico recusa o espelho, que nada mais é do que uma metáfora sobre os padrões impostos pela mídia e pela sociedade. São modelos colocados em todos os lugares para refletirem na sociedade um ideal a ser seguido. E para enfrentar tais imposições, a autora utiliza o *black* como arma, ou seja através do cabelo ela afirma seu valor e seu poder, um “escurecimento necessário” que visa enfrentar o racismo e se impor na sociedade. Esse escurecimento necessário, passa pela questão da negritude, da afirmação de um posicionamento ainda necessário para romper as barreiras do preconceito e promover visibilidade e respeito.

Ao afirmar que tira “qualquer racista do armário”, a autora nos faz refletir sobre o alto número de atitudes racistas que vêm surgindo nos últimos tempos, seja em situações da vida real ou pela internet. Durante muito tempo o racismo ficou velado, disfarçado e encoberto, porém atualmente, com muitas pessoas assumindo sua negritude, algumas conquistando espaço na sociedade, tendo suas demandas contempladas na política, como é o caso das cotas e da lei 10.639 (que obriga o ensino da cultura afrodescendente nas escolas), negros e negras vêm conquistando visibilidade e isso incomoda parte da sociedade que ainda é preconceituosa e racista. Como costumamos ler nos posts das redes sociais: “a casa grande surta quando a senzala aparece”

Já poema abaixo, Sobral demonstra a diferença estética presente no cabelo *afro*, *black*, *crespo*, enfim, no cabelo natural das mulheres negras. Ela ressalta a beleza que consiste nesta naturalidade e a importância da aceitação deste cabelo na luta contra o preconceito. Uma vez que o uso do cabelo natural se torna comum, a sociedade passa a vê-lo de outra forma, não mais como feio ou exótico, mas apenas diferente.

Um fato importante a ser destacado no poema, é que a autora diz “*meu cabelo não é duro/nem bom, nem ruim, nem melhor*”, ou seja, não há uma afirmação da superioridade do cabelo *black* sobre o cabelo liso, não existe uma tentativa de alterar esses lugares na pirâmide. O que se faz necessário é transformar esses lugares em pontos de convergência, de equilíbrio, onde a diferença seja percebida e

respeitada e colocada em posição de igualdade na sociedade.

Além disso, a palavra “tridente” nos dá ideia de arma, luta, algo que fura e fere. Ao afirmar, já no título, que o tridente é o seu pente, podemos concluir que ela usar de algo que fere (o tridente) para moldar sua aparência (o pente), o pente é o que modela e define o cabelo. O cabelo, neste poema, é moldado pela dor, pelas feridas.

Tridente, o Meu Pente

O meu pente é diferente
 Funciona muito bem
 Não é um pente ruim!
 É próprio para o meu pixaim

Não deboche
 Não provoque
 Vou deixar você sem jeito
 Espetar seu preconceito

Meu cabelo não é duro
 Nem bom, nem ruim, nem melhor
 Afirmo a dialética da percepção
 A alteridade de ser como sou

Não deboche
 Não provoque
 Vou deixar você sem jeito
 Espetar seu preconceito

Diferente, o meu pente
 Quase um tridente
 Transforma a ordem
 Sem fazer desordem

Diferente, o meu tridente
 Diante do princípio do caos
 Convida o sistema a refazer as suas concepções
 Para desafiar a história única. (SOBRAL, 2014, p. 21)

Na segunda estrofe deste poema a autora utiliza o termo alteridade, que nada mais é do que reconhecer-se através do olhar do outro. De artigo com o artigo de Guilherme Spadini publicado pela Geledés, alteridade é “a difícil arte de reconhecer o diferente”. Para Spadini o ser humano só faz sentido a partir da existência de um outro. Ele afirma também que o que eleva a alteridade a uma virtude é o fato de que ela é capaz de além de fazer com que as pessoas, além de aceitarem as diferenças possam se reconhecer nelas. Sendo assim, o eu lírico traz neste termo a reivindicação de poder se visto como ele mesmo é. De ser reconhecido e percebido por sua diferença.

Já na última estrofe, no desfecho do poema, a autora “convida o sistema a refazer as suas concepções para desafiar a história única”. Acredito que este seja o objetivo central não só deste poema, mas de toda a obra de Sobral, ou seja, reconstruir a história de negros e negras, herdeiros do povo africano escravizado. Recontar a sob a versão desse povo que foi excluído e colocado à margem da História do Brasil. O povo negro, muito além da escravidão, possui suas histórias, sua bagagem e ajudou a construir as riquezas materiais e culturais da nossa terra.

O poema abaixo vem reforçar a ideia do anterior, ou seja, uma recusa aos padrões sociais eurocêntricos e a valorização da estética negra e de sua ancestralidade. Novamente há uma crítica à mídia brasileira, que através de sua programação, no caso específico, das novelas, tenta impor padrões de beleza e posição social. E essa crítica se torna social, na medida em que a sociedade utiliza-se desses meios de comunicação aos quais, a autora chama de “espelhos distorcidos” para moldar sua aparência e seus costumes.

Já na primeira estrofe, ela afirma que “os cabelos sem lisuras incomodam”. Isso mostra como o diferente não é aceito. Porém, ela deixa claro que não se “conforma” nem “dialoga” com tal imposição, pois seu cabelo é sua identidade, é marca de sua ancestralidade.

Assim como no poema anterior, há novamente uma crítica ao mito da democracia racial, do racismo velado, que “anestesia a memória” e “contamina a história”. A autora reconhece esses problemas, mas afirma que isso não afeta o seu pensamento e a sua visão de si mesma.

Preto no Preto

Meu cabelo sem vestígios de lisura incomoda

Não alisa nem se conforma
Com os tais padrões não dialogo
Imponho a minha diferença
Minha marca de nascença
Minha identidade
Nasci tatuada com a minha cor
Escorre pelos meus fios
A história dos meus ancestrais

Autenticidade é peça de antiguidade
Ficou fora de moda
Não veste bem
Seria mais conveniente aceitar os progressos
De algumas escovas treinadas para resolver os dilemas seculares
De um país que enxerga a própria imagem
Em um espelho distorcido
Não me iludo com o Brasil das novelas
Sonho com outras telas
Meu espelho é preto no preto
Meu reflexo brilha no escuro
A iluminar caminhos com escurecimentos necessários

Eu não olho para o chão
Nem tenho medo da escuridão
Na escuridão está a vitória
O mito da democracia racial que anestesia a memória
Essa ilusão que segue contaminando a história
Nunca vai me enganar. (SOBRAL, 2014, p.24)

Sempre foi muito comum as novelas trazerem personagens negros estereotipados. Os negros sempre ocupando cargos subalternizados como empregadas, porteiros, motoristas e bandidos. Tal posicionamento midiático foi, além de outros fatores, responsável pela manutenção do preconceito e do racismo durante décadas no Brasil.

Se partirmos do entendimento de que os meios de comunicação não apenas repassam as representações sociais sedimentadas no imaginário social, mas também se instituem como agentes que operam, constroem e reconstróem no interior da sua lógica de produção os sistemas de representação, levamos em conta que eles ocupam posição central na

cristalização de imagens e sentidos sobre a mulher negra. (CARNEIRO, 2003, p.125)

Atualmente, com o avanço da tecnologia, das redes sociais e com a incansável luta dos militantes envolvidos com a causa negra, a situação parece se modificar. Alguns programas já colocam os negros em situações de protagonismo e destaque social, e, caso ocorra algum fato que desagrade a população negra, há uma avalanche de críticas vindas das redes sociais e o apelo social é tão grande que os responsáveis são obrigados a reformular seus roteiros. Porém, Sueli Carneiro acompanha tais mudanças com cautela, pois acredita que as intenções podem ser “capciosas” e conclui “Esperamos que a mulher negra seja representada levando-se em conta o espectro de funções e as habilidades que ela pode exercer, mesmo em condições econômicas adversas”. (CARNEIRO, 2003, p.125)

Para Sobral, a representação é importante pois reforça na mulher negra o sentimento de pertencimento e valorização. E é isso que ela tenta demonstrar através de seu poema *Luzeiros*, aqui, a questão do cabelo surge como elemento estético de luta, autoestima e libertação.

Olhos de águia brilhantes
Emoldurados pelas invencíveis madeixas crespas
Imponentes, empoderadas
Preenchidas por reflexos do sol

Miradouros
Olhos de farol
Acesos
Escaneando as brechas do dia
Para reluzir à noite
Com a força das suas raízes.

Caleidoscópios
Luzeiros sagazes
Recolhendo as flechas douradas
Da diáspora negra dispersa pelo Atlântico
Para iluminar caminhos de libertação. (SOBRAL, 2014, p.32)

No poema acima, o cabelo é retratado como “invencíveis madeixas crespas, imponentes, empoderadas”. Para o eu lírico, os cabelos formam uma molduras para que os olhos cheios de luz (brilhantes, farol, sol) possam refletir “à noite, suas raízes”, ou seja, que possam trazer à luz, o conhecimento sobre suas raízes e sua ancestralidade. Num país, onde culturalmente, os negros foram apagados, o poema os coloca como “farol” a iluminar os caminhos.

Na última estrofe, numa referência à travessia do Atlântico feita pelos negros escravizados, Sobral tenta, através de sua poesia, iluminar as mentes e as vidas dessas mulheres, para que elas se sintam cada vez mais representadas, libertas e empoderadas.

Enfim, em todos os textos de Cristiane Sobral aqui apresentados, observa-se várias questões sociais, culturais e identitárias que trazem relevância, autenticidade e beleza a sua obra poética.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Com certeza, também aqueles que enxergam na literatura um possível grito de liberdade, descobrirão que, no ofício de moldar, Sobral confecciona a palavra certa, comprovando que, seja se tratando da restauração de traços identitários ou de outras questões sociais, a literatura que faz, busca a valorização do outro, porque está comprometida, antes de tudo, com o ser humano.”

Michelly Pereira

Podemos concluir que os textos de Cristiane Sobral, bem como de outras escritoras afro-brasileiras, possuem uma linguagem própria, com uma temática específica, bem particular, que só pertence a elas. Uma linguagem áspera e bela ao mesmo tempo, que alia militância e estética e que promove reconhecimento nas leitoras. A partir do momento em que puderam se manifestar na sociedade, sobretudo através de seus textos, foi possível denunciar o machismo, combater o racismo, enaltecer a beleza, resgatar a identidade, reconhecer-se intelectualmente e mostrar que a mulher negra sabe fazer literatura.

Os escritores sensibilizados com as rupturas e as elipses criadas pela escravidão se empenharam, a partir do momento em que tiveram meios, em definir uma noção de identidade por meio do processo de “restauração da memória”, seja a coletiva, seja a individual. (AGUSTONI, 2013, p.48 - grifos do autor)

A escrita feminina, em sua maioria, restaura rastros culturais e memórias perdidas, segue sim por um lado mais engajado e militante, procurando respaldo das teorias de Fanon, por exemplo. São textos em que a cor da pele e as marcas sociais de um processo civilizatório mal elaborado, estão explícitas no texto. A autora Miriam Alves, por exemplo, não abre mão do engajamento e palavras de denúncia e dor estão por todas as linhas de sua obra. Porém, algumas delas optam por escrever poemas que falam de coisas simples como amor, natureza e, por alguns instantes, ou por alguns versos, encobrem a cor de sua pele por trás de belos

apolíticos, é o caso de Jussara Santos, por exemplo. Muitos de seus textos podem ser lidos sem que o leitor perceba se a autora é negra ou branca.

Podemos observar neste trabalho que a autora Cristiane Sobral permeia por todas essas áreas, aborda vários temas, transita pelo engajamento e pelo texto apolítico sem perder suas características e sua beleza estética. Os textos de Cristiane Sobral são inspirados em experiências reais vividas pelos afrodescendentes, e são essas experiências, muitas vezes dolorosas, essas marcas, que trazem verdade ao texto, provocando sensações e desconforto, pois assim como aponta ROLNIK (1993, p.244) “as marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro de outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro”. E na arte de escrever, quanto mais movido pelas marcas for um texto, maior é o seu brilho, afirma Rolnik.

A literatura de Sobral pode ser considerada uma literatura de minoria, pois rompe claramente com as temáticas “aceitáveis” da sociedade, trazendo à tona, linguagens e imagens não condizentes com o padrão. Sua autenticidade é o que agrega mais valor à sua escrita dentro de uma visão mais atual e moderna de Literatura.

Observamos, também, que a escrita afro-feminina contemporânea é uma resposta à Literatura de preconceitos e estereótipos, que vigorou muito tempo no Brasil. As pesquisas de Eduardo Assis Duarte nos dão alguns exemplos dessa descaracterização da mulher negra em clássicos da Literatura. Muitas dessas obras apresentam um comportamento racista e machista retratado na Literatura canônica por poetas e escritores importantes no cenário nacional.

Outro aspecto relevante da literatura afro-feminina são as demandas tratadas nos textos poéticos, as autoras mais antigas como Miriam Alves e Conceição Evaristo abordavam questões urgentes para sua época, como as marcas da escravidão, a necessidade de liberdade, o direito à família e à maternidade, os ensinamentos de seus ancestrais, dentre outras. Já as autoras mais contemporâneas como Mel Adum, Jenyffer Nascimento, Elizandra Souza e, sobretudo, Cristiane Sobral, falam sobre assuntos mais atuais como romper padrões estéticos de beleza, tomar posse de seu corpo, liberdade de expressão, obtenção de escolaridade, acesso à cultura e espaços culturais, relações de gênero, infertilidade, adoção, aborto e etc, porém o fazem, em sua grande maioria, respaldadas por uma ancestralidade, um sentimento de pertença, que não busca uma identidade outra,

mas que se quer fazer presente no contexto social e cultural atual. É como se elas quisessem se constituir num novo espaço, abarcando antigos laços e criando novos. A cada luta vencida, as africanidades são emaranhadas a uma brasilidade, que vão se constituindo numa identidade fluida, sempre em transformação.

Restaurando aspectos de sua memória ancestral e produzindo sentido a partir de sua condição dentro do processo diaspórico, as mulheres negras vão tomando consciência de si próprias e se posicionando no meio social.

Diante disso, podemos concordar com o que defende Glissant, que se tornou urgente mudarmos a concepção e a vivência que temos de identidade. É preciso entender as transformações culturais e identitárias pelas quais passaram os afrodescendentes no processo diaspórico. Percebemos que, atualmente, há sim um resgate cultural ancestral, mas que é por nós ressignificado a todo momento. É neste ponto que acredito estar inserida a poética da autora Cristiane Sobral que mescla tudo isso de uma forma leve, dosando os ingredientes necessários na busca para romper paradigmas e imaginários cristalizados e constituir um novo olhar sobre a mulher negra brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. 1ª.ed. São Paulo: Companhia da letras, 2015.

AGUSTONI, Prisca. **O Atlântico em Movimento signos da diáspora africana na poesia contemporânea de língua portuguesa**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

_____ e SIMÕES, Bárbara. **Mapas de uma travessia: diáspora africana e identidades em construção**. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida e JÚNIOR, Robert Daibert (Org): *Depois o Atlântico: modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

ALMEIDA, Alex Sandro Macedo. **Identidade e Consumo Étnico na classe média negra**. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. UFBA, Salvador, 2011. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1301516678_ARQUIVO_Identidadeconsumoetniconaclassemedianegra.pdf

ALVES, Miriam. **BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

AMATI-MEHLER, Jacqueline. **A Babel do inconsciente: língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica**. Trad. Cláudia Bachi. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

BAIRROS, Luiza. **Nossos feminismos revisitados**. Ano 3. 2º sem 1995. Disponível em <http://www.cppnac.org.br/wp-content/uploads/2013/07/Nossos-feminismos-revisitados-Luiza-Bairros.pdf>

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CADERNOS NEGROS, **volume 36: contos afro-brasileiros**. Organizadores Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2013.

_____. **volume 37: poemas afro-brasileiros**. Organizadores Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2014.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. **Escrita e Militância: a escritora negra e o movimento negro brasileiro**. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.): *Um tigre na floresta de signos – Estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2010.

CANCLÍNI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos – Conflitos multiculturais da globalização**. Trad. Maurício Santana Dias e Javier Rapp. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

_____. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/viewFile/9948/11520>. São Paulo, 2003. Acesso em 06/2016.

_____. **Mulheres negras e poder: um ensaio sobre a ausência**. Disponível em <http://articulacaodemulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/06/TC-6-CARNEIRO-Suely-Mulheres-Negras-e-Poder.pdf> Acesso em 06/2016.

_____. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/#gs.XpXPc2A> publicado em 06/03/2011. Acesso em 05/2016.

_____. **Gênero, raça e ascensão social**. In. Revista Estudos Feministas, Florianópolis: UFSC, 1995.

CÉSAIRE, Aimé. **Diário de um retorno ao país natal**. Tradução, posfácio e notas Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CRUZ, Cíntia Tâmara Pinto. **Os cabelos mágicos: identidades e consumo de mulheres afrodescendentes no Instituto Beleza Natural**. UFRB. Cachoeira-BA, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/777/1/CABELOS%20MAGICOS%20IDENTIDADE%20E%20CONSUMO%20ENTRE%20MULHERES%20AFRO%20DESCENDENTES%20Copy.pdf> Acesso em 18 abr 2016.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

_____. **Quem tem medo da palavra negro**. Texto publicado na Revista Matriz: uma revista de arte negra. Porto Alegre, 2010. Disponível em:

http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/quemtemmedodapalavranegro_cuti.pdf Acesso em Junho/2017.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, v.10, n.1, p. 171- 188, Florianópolis, jan. 2002.

DAVIS, Angela. **Mulher, Raça e Classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1ª. ed. São Paulo, Boitempo, 2016.

DELEUZE, Giles. **A literatura e a vida**. In: Crítica e clínica. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. P.11-16.

DIAS, Rosa. **Vida como vontade criadora**. In: Nietzsche, vida como obra de arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.23-82.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade**. Terra Roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários, v.17, Londrina, 2009.

_____. **Literatura Afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

_____. **Feminismo e desconstrução: anotações para um possível percurso**. In: *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo Assis e BEZERRA, Kátia da Costa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

EVARISTO, Conceição. **Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira**. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, Brasília, ano 1, n. 1, set. 2005. p. 52-57. disponível em <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>

_____. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. 2012. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html> Acesso em Junho/2017.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Amanda Crispim. **Vozes - Mulheres: algumas considerações sobre a escrita afro feminina**. Disponível em: WWW.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp.content/uploads/2012/01/amanda_crispim.pdf Acesso em out/2015.

FILHO, Domício Proença. ***A trajetória do negro na literatura brasileira***. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.): Um tigre na floresta de signos – Estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2010.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. ***Vozes femininas em afrodições poéticas: Brasil e África portuguesa***. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.): Um tigre na floresta de signos – Estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2010.

_____. ***Literatura negra, Literatura afro-brasileira: como responder à polêmica?*** In: LIMA, Maria Nazaré e SOUZA, Florentina (Org): Literatura Afro-brasileira. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

FIGUEIREDO, Eurídice. (Org) ***Conceitos de Literatura e Cultura***. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues. ***A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações***. Dissertação de mestrado apresentada a Universidade Federal de Minas Gerais – Programa de pós-graduação em Estudos Literários. Belo Horizonte: 2009

GIACOMINI, Sonia Maria. ***Mulher e Escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil***. Petrópolis. Vozes, 1988.

GILROY, Paul. ***O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência***. 2ª. Ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GLISSANT, Édouard. ***Introdução a uma Poética da Diversidade***. Tradução Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GOMES, Nilma Lino. ***Sem perder a raiz – corpo e cabelo como símbolos da identidade negra***. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. ***Educação, Raça e Gênero: Relações imersas na alteridade***. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/cadpagu_1996_6.7_5_GOMES%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/cadpagu_1996_6.7_5_GOMES%20(2).pdf) Acesso em 04/2016.

_____. ***O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes***. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2011v10n18p133> Acesso em 04/2016.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na Cultura Brasileira**. In: SILVA, L. A. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília: ANPOCS, Cap. 3, 1983.

_____. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82 Disponível em: <http://artigo157.com.br/wp-content/uploads/2015/12/A-categoria-pol%C3%ADtico-cultural-de-amefricanidade.pdf> Acesso em 05/2016.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações Culturais**. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaide La Guardia Rezende... [et all]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro, v.3, nº 2, p. 464 – 478, 1995.

_____. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. **Alisando o nosso cabelo**. In: Revista Gazeta de Cuba. Fevereiro/2005. Disponível em: <http://www.criola.org.br/mais/bell%20hooks%20-%20Alisando%20nosso%20cabelo.pdf> Acesso em 06/2016.

_____. **Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Disponível em: https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf Acesso em 05/2016.

LEÃO, Andréa Borges. **Como fazer uma sociologia da singularidade? Autoria e Campo literário**. In: _____. *Estudos de Sociologia*. Araraquara, v.14, n.27, p.301-316, 2009. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/viewFile/1940/1578> Acesso 04/2016.

LIMA, Maria Nazaré e SOUZA, Florentina (Org): **Literatura Afro-brasileira**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A cultura-mundo – Resposta a uma sociedade desorientada**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2009.

MACIEL, Camila. **Presença da mulher negra na literatura ainda é pequena.** Revista Exame. Mar/2014.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Escritoras negras: resgatando nossa história.** In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.): Um tigre na floresta de signos – Estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ONETO, Paulo. **A questão a literatura engajada nas filosofias de Sartre e Deleuze.** Disponível em: <http://www.cebela.org.br/imagens/Materia/05LIT01%20Paulo.pdf>
Acesso em 04/2016.

PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.): **Um tigre na floresta de signos – Estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil.** Belo Horizonte. Mazza Edições, 2010.

PRANDI, Reginaldo. **De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião.** In: PEREIRA, Edimilson de Almeida e JÚNIOR, Robert Daibert (Org): *Depois o Atlântico: modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana.* Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

PUCHEU, Alberto. **Pelo colorido, para além do cinzento (quase um manifesto).** In: Pelo colorido, para além do cinzento (a literatura e seus contornos interventivos). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007, p.11-26.

RICHARD, Nelly. **Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política.** Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ROCHA, Enilce Albergaria. **A noção de Relação em Édouard Glissant.** Ipotesi-Revista de Estudos Literários. Universidade de Juiz de Fora v.6 n. 2, Jul/dez/2002. Juiz de Fora. Editora UFJF, 2003.

ROLNIK, Suely. **Pensamento, corpo e devir – uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico.** In: Cadernos de Subjetividade. São Paulo, 1993, n.2, p.241-251.

SANTOS, Livia Maria Natália de Souza. **Poéticas da diferença: a representação de si na lírica afro-feminina.** A cor da Letras: Revista do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana n.12. Feira de Santana, UEFS, 2011.

SILVA, Maria Aparecida. **Narrativas de mulheres negras araraquarenses:**

experiência e organização. Ceará. Fazendo Gênero, 2009. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278292459_ARQUIVO_formul_ariofazendogenero.pdf Acesso em 05/2016

SOBRAL, Cristiane. **Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção.** Brasília: Dulcina Editora, 2011.

_____. **Não vou mais lavar os pratos.** Brasília: Dulcina Editora, 2011.

_____. **Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz.** Brasília: Ed. Teixeira, 2014.

SOUZA, Mailza Rodrigues Toledo. **Do corpo ao texto: a mulher inscrita/escrita na poesia de Hilda Hilst e Ana Paula Tavares.** Tese de doutorado apresentada a Universidade de São Paulo, programa de Literatura e Sociedade nos Países de Língua Portuguesa. São Paulo: USP, 2009.

SPADINI, Guilherme. **A difícil arte de reconhecer o diferente.** Geledés – Instituto da Mulher Negra. São Paulo, Dez/2014. Disponível em <http://www.geledes.org.br/alteridade-dificil-arte-de-reconhecer-o-diferente/#gs.mZJnwf8>

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart de Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STEINER, George. Extraterritorial. **A literatura e a revolução da linguagem.** Trad. Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.

VIANA, Arnaldo Rosa. **Multiculturalismo e Pluriculturalismo.** In: Conceitos de Literatura e Cultura. Org. FIGUEIREDO, Eurídice. Juiz de Fora/Niterói. Ed.UFF, Editora UFJF, 2005.